



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**

---

**FACE** – Faculdade Administração, Ciências Contábeis e Economia

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS- UFGD**  
**FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ECONOMIA**  
**CURSO DE ECONOMIA**

LETHICIA CAMILA DORCE

**FATORES DECISIVOS DO PROCESSO MIGRATÓRIO DE JOVENS**  
**MULHERES DO ASSENTAMENTO GUANABARA EM MATO**  
**GROSSO DO SUL**

DOURADOS/MS

2018



LETHICIA CAMILA DORCE

**FATORES DECISIVOS DO PROCESSO MIGRATÓRIO DE JOVENS**  
**MULHERES DO ASSENTAMENTO GUANABARA EM MATO**  
**GROSSO DO SUL**

Trabalho de Graduação apresentado à Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas

Orientador: Prof Dr<sup>o</sup>. João Augusto Rossi  
Borges

Banca Examinadora:

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Erlaine Binotto

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Heloisa de Faria Domingues

Dourados/MS

2018



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**

---

**FACE** – Faculdade Administração, Ciências Contábeis e Economia

---

FATORES DECISIVOS DO PROCESSO MIGRATÓRIO DE JOVENS MULHERES DO  
ASSENTAMENTO GUANABARA EM MATO GROSSO DO SUL

LETHICIA CAMILA DORCE

Esta monografia foi julgada adequada para aprovação na atividade acadêmica específica de Trabalho de Graduação II, que faz parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas pela Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia – FACE da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Apresentado à Banca Examinadora integrada pelos professores:

Prof Dr<sup>o</sup>. João Augusto Rossi Borges

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Erlaine Binotto

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Heloísa de Faria Domingues



## **RESUMO**

Este estudo teve por objetivo analisar os fatores que influenciam a decisão das jovens mulheres do assentamento Guanabara em permanecerem na área rural ou migrarem para os centros urbanos, para tanto, foi realizado uma pesquisa de campo, com abordagem quali-quantitativa. Os dados foram coletados por meio de questionários e realização de uma entrevista específica semi-estruturada para os dois grupos de jovens mulheres: as que já saíram do assentamento e as que ficaram. Os dados foram analisados usando as técnicas de análise de conteúdo e interpretados utilizando a estatística descritiva com o *software* Excel 2010. Os resultados revelaram que os principais fatores verificados que contribuíram para a continuação de jovens mulheres no campo foram: fatores relacionados ao contexto familiar. Verificou-se também que os principais fatores que influenciaram o processo migratório foram: estudo e emprego. Ao comparar os dois Grupos, verificou-se que as entrevistadas do Grupo saiu apresentaram maiores níveis de satisfação. Uma das possíveis explicações é que as jovens do Grupo saiu terem alcançado níveis mais elevados de formação educacional e desempenharem alguma atividade profissional comparando ao Grupo ficou. De forma geral, os resultados indicaram que a maior parte das entrevistadas de ambos os grupos têm a intenção de realizar as ocupações agrícolas de seus pais. Portanto, é possível concluir que há intenção de sucessão e isso ocorre devido a três fatores. Primeiro: o sentimento de identificação/gostar das atividades agrícolas e do meio rural. Segundo, à necessidade de continuação das atividades que antes eram realizadas pelos pais. Terceiro, o bem estar/qualidade de vida que o ambiente rural permite.

Palavras-chave: fatores; intenção; jovens mulheres; sucessão



**ABSTRACT**

The purpose of this study was to analyze the factors that influence the decision of the young women from the Guanabara settlement to remain in the rural area or to migrate to the urban centers. A field survey was conducted with a qualitative and quantitative approach. The data were collected through questionnaires and a semi-structured specific interview was conducted for the two groups of young women: those who left the settlement and those who remained. Data were analyzed using content analysis techniques and interpreted using descriptive statistics using Excel 2010 software. The results revealed that the main factors that contributed to the continuation of young women in the field were: factors related to the family context. It was also verified that the main factors that influenced the migratory process were: study and employment. When comparing the two Groups, it was verified that the interviewees of the Group left had higher levels of satisfaction. One of the possible explanations is that the young people of the Group left to have reached higher levels of educational formation and to carry out some professional activity comparing to the Group remained. Overall, the results indicated that the majority of the interviewees of both groups intend to carry out the agricultural occupations of their parents. Therefore, it is possible to conclude that there is intention of succession and this occurs due to three factors. First, sense of identification / enjoyment of agricultural and rural activities. Second, the need for continuation of activities that were previously carried out by the parents. Third, the well-being / quality of life that the rural environment allows.

Key words: factors; intention; young women; succession;



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 REVISÃO.....	8
2.1 AGRICULTURA FAMILIAR E A IMPORTÂNCIA DA SUCESSÃO.....	8
2.2 ESTUDOS SOBRE SUCESSÃO NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR: FICAR OU SAIR DO CAMPO?.....	12
3 METODOLOGIA.....	17
3.1 ÁREA DE ESTUDO.....	17
3.2 COLETA DE DADOS.....	18
3.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
4.1 CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DA AMOSTRA.....	20
4.2 POR QUE FICAR NO CAMPO?.....	21
4.3 DESEJA SAIR DO CAMPO? POR QUÊ?.....	24
4.4 POR QUE SAIR DO CAMPO?.....	26
4.5 HÁ INTENÇÃO DE VOLTAR A MORAR NO CAMPO?.....	29
4.6 AVALIAÇÕES DO MODO DE VIDA DO MEIO RURAL.....	31
4.7 COMPARAÇÃO DOS NÍVEIS DE SATISFAÇÃO.....	35
4.8 HÁ INTENÇÃO DE REALIZAR AS ATIVIDADES AGRÍCOLAS DE SEUS PAIS ?.....	36
4.9 HÁ INTENÇÃO DE REALIZAR AS ATIVIDADES AGRÍCOLAS DE SEUS PAIS?.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
APENDICE A - QUESTIONÁRIO I: (GRUPO QUE FICOU).....	45
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO II: (GRUPO QUE SAIU).....	46

## 1 INTRODUÇÃO

A continuação da agricultura familiar está ameaçada devido à evasão dos jovens do campo, principalmente das mulheres, provocando a “masculinização” e o “envelhecimento” destes ambientes do campo (ABRAMOVAY, 2005). As mulheres ainda sofrem com a desvalorização das tarefas realizadas por elas dentro da propriedade rural (por exemplo, cultivo de hortaliças e criação de aves e porcos) por serem considerados serviços mais leves, classificados mais como uma ‘ajuda’, que acaba contribuindo para que elas assumam duplas jornadas de trabalho, dentro e fora do lar (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1999). A importância da participação feminina na agricultura não está restrita isoladamente a utilização de sua mão-de-obra nas tarefas produtivas, mas também nas atividades reprodutivas, na qual a mulher assume a continuidade da reprodução familiar, pois as mulheres são responsáveis pela alimentação e educação dos filhos. Estas atividades produtivas e reprodutivas normalmente não são valorizadas, resultando em um baixo reconhecimento do valor da mulher como agricultora, o que acarreta baixos salários que lhes são oferecidos ou na maioria das vezes ausência de remuneração (WEISHEIMER, 2007).

O trabalho desgastante, a falta de motivação e de autonomia na realização das tarefas agrícolas, a renda instável e as condições climáticas adversas são fatores destacados por Brumer (2007) para a evasão dos jovens do meio rural. No caso específico das mulheres, a falta de valorização das atividades desempenhadas contribui para a desmotivação e desinteresse para permanecerem na vida rural, o que resulta na evasão feminina para os centros urbanos em busca de autonomia financeira e reconhecimento (BRUMER e SPANEVELLO, 2008). Portanto, a expressiva quantidade de jovens migrando é consequência da desvalorização e da falta de perspectiva de uma qualidade de vida melhor no campo (ABRAMOVAY et al., 1998).

A saída dos jovens do campo aliado ao desinteresse da juventude em permanecer no campo é uma realidade preocupante. Os jovens rurais estão, cada vez mais, buscando oportunidades nos centros urbanos, muitas vezes motivados e incentivados pelos pais a se qualificarem, seja estudando ou mesmo trabalhando em atividades fora da agricultura (PANO e MACHADO, 2014). Na década de 1990, o aumento migratório juvenil do campo para a cidade foi estudado por Camarano e Abramovay (1999). Eles diagnosticaram que a evasão da juventude do campo está concentrada nas seguintes faixas etárias: homens de 20 a 24 anos e mulheres de 15 a 19, sendo que a proporção é maior para as mulheres. Essa migração resulta

em dificuldades para garantir a reprodução social das famílias rurais. Portanto, a permanência dos jovens no campo deve ser analisada, averiguando se os possíveis sucessores têm vocação para dar continuidade à propriedade e se tem interesse em desempenhar as atividades que antes eram realizadas pelos pais (MOREIRA, 2014).

Os estudos sobre sucessão e migração dos jovens rurais se tornam importantes, porque o verdadeiro agricultor possui raízes atreladas no meio rural e dificilmente outra pessoa desempenharia esta atividade caso não tivesse sido influenciado pela criação familiar. Portanto, a grande maioria das pessoas que permanecem no meio rural são os filhos dos agricultores (CARVALHO, 2007). Contudo, este trabalho pretende analisar as perspectivas das jovens mulheres em permanecerem nos assentamentos rurais e quais são os fatores determinantes para elas permanecerem ou saírem do campo. Diante disto, se abordará a seguinte questão de pesquisa: quais são os fatores que influenciam a decisão das jovens mulheres da área rural do assentamento Guanabara, no Mato Grosso do Sul, em permanecer ou migrar para área urbana?

A relevância deste trabalho se dá primeiro pelo papel essencial prestado pela agricultura familiar no cenário nacional. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA, 2015) a agricultura familiar produz, por exemplo, 87% da mandioca, 70% do feijão, 59% da carne suína, 58% do leite, 50% da carne de aves e 46% do milho no Brasil. E, contudo, os jovens do meio rural são peças primordiais para a continuidade ou não das atividades dos pais no campo e conseqüentemente para o futuro do meio rural. Portanto, o objetivo geral deste trabalho é analisar os fatores que influenciam a decisão das jovens mulheres do assentamento Guanabara em permanecerem na área rural ou migrarem para os centros urbanos.

Especificamente, pretende-se:

- Comparar os dois modos de vida das jovens: as que ficaram no assentamento e as que migraram para os centros urbanos.
- Identificar se as jovens têm a intenção de realizar as ocupações de seus pais.



## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Esta seção está dividida em duas partes. Na primeira, será apresentada a importância da agricultura familiar e os desafios da sucessão no meio rural e, na segunda parte, é apresentada uma revisão dos estudos realizados no Brasil sobre essa temática, destacando as motivações que levam os jovens rurais a deixarem o campo.

### 2.1 AGRICULTURA FAMILIAR E A IMPORTÂNCIA DA SUCESSÃO

Apesar de o termo agricultura familiar ser discutido tanto na literatura científica quanto no cotidiano, não há uma definição universal para caracterizar as atividades familiares no campo. Geralmente os conceitos de agricultura familiar estão relacionados à posse de terras e a utilização de mão de obra familiar (VLIET et al., 2015).

Segundo o art. 3º da lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006 da legislação brasileira, o agricultor familiar é aquele que contempla os seguintes requisitos: não detenha, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais; utilize predominantemente mão de obra familiar nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; tenha renda familiar preponderantemente originada a partir de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; e dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL, 2006).

De acordo com Bianchi e Orłowski (2011), é no ambiente familiar que desenvolve-se e organiza a estrutura produtiva, laboral, social e moral dos integrantes da agricultura familiar no Brasil, estabelecendo a gestão individual ou coletiva, possibilitando garantir a reprodução do grupo. No entanto, para manter a propriedade, as rotinas de trabalho no campo são intensas e contam com o envolvimento de toda a família (SCHWARTZ e SALAMONI, 2009).

Esses envolvimento familiares na execução de atividades diárias ligadas a propriedade caracterizam a agricultura familiar. Em propriedades onde não predomina a mão de obra familiar ocorre o contrário: há divisão de tarefas entre atividades relacionadas à gestão e o trabalho no campo. Outros fatores que são utilizados para determinar se uma propriedade é ou não pertencente à agricultura familiar são a rentabilidade da propriedade e obtenção ou não de renda oriundas de atividades não agrícolas (ERRINGTON e GASSON, 1994).

A Organização das Nações Unidas (ONU) reforçou a importância da agricultura familiar, destacando a capacidade dos agricultores familiares em colaborar na erradicação da fome mundial e promover a segurança alimentar sustentável, pois os produtores familiares produzem cerca de 80% dos alimentos consumidos no mundo e preservam 75% dos recursos agrícolas do planeta (BRASIL, 2014). Além disso, a agricultura familiar contribui para a soberania alimentar e proporciona sustentabilidade ao meio rural, sendo uma das suas principais características a ruptura com o sistema produtivo de monocultura, ou seja, na agricultura familiar há maior diversificação da propriedade, permitindo a diminuição de custos de produção e a expansão de emprego no campo (VENTURINO, 2009).

Essas informações, portanto, demonstram a importância da agricultura familiar na produção de alimentos. O Brasil, em particular, apresenta grande potencialidade na produção de alimentos, possuindo em sua maioria agricultores familiares, o que demonstra a relevância de estudos relacionados ao tema. As atividades exercidas pela agricultura familiar são significativas na criação de empregos e geração de renda no meio rural brasileiro. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) as atividades desenvolvidas nas propriedades familiares no Brasil geram aproximadamente 12 milhões de empregos no campo. Além disso, em uma área correspondente a 20% de terra utilizadas para agricultura, os agricultores familiares respondem por 30% da produção nacional de alimentos. Portanto, os números demonstram a importância da agricultura familiar para o desenvolvimento rural.

De acordo com o Censo Agropecuário (IBGE, 2006) de um total 5.175.489 propriedades 4.367.902 são caracterizadas estabelecimentos familiares representando assim 84,4% do total, com área média de 19 hectares. Um dos principais locais onde há concentração de agricultores familiares são os assentamentos rurais. Os assentamentos apresentam algumas particularidades, dentre elas: pequenas propriedades (lotes ou glebas) de terra, que são adquiridas pelos assentados. Geralmente a aquisição ocorre por meio da desapropriação de terras ociosas ou devido à baixa produtividade agrícola. Após adquirirem essas terras, há maiores possibilidades para os agricultores familiares produzirem, ter uma renda, moradia tendo assim melhores condições de vida. Nos assentamentos há também disponibilidade de crédito rural, assistência técnica, infraestrutura física, econômica e social. Os assentamentos rurais significam, portanto, a inclusão de novas terras ao processo produtivo do país, representando assim novas formas e espaços de trabalho, por meio da propriedade agrícola, e tem contribuído assim para criação de empregos e distribuição de renda (INCRA, 2017). Dessa forma, estas áreas representam a conquista do direito a terra por

parte dos trabalhadores rurais, e constitui um espaço que permite garantir a segurança e a reprodução familiar (BERGAMASCO e NORDER, 1996).

No entanto, os assentamentos rurais enfrentam um desafio: a continuação e reprodução desses espaços produtivos, pois há indícios de que a juventude rural não deseja permanecer no campo. Este problema vem ganhando atenção de pesquisadores, que abordam e discutem as implicações desta falta de sucessores para o futuro dos assentamentos rurais, dentre os estudos que discutem as motivações que contribuem para a juventude sair do campo estão (WEISHEIMER, 2009; DOTTO, 2011; FOGUESATTO, MACHADO, 2015; PANO, 2016).

Para a maioria dos jovens filhos de agricultores assentados, a propriedade dos pais é considerada somente o local de residência, não existindo a possibilidade de se morar e trabalhar na área rural ao mesmo tempo. Por outro lado, para os pais destes jovens, a terra é reconhecida como uma conquista familiar em relação à sua moradia anterior, sendo vista como um espaço de residência e de trabalho (FACIONI, 2013). Percebe-se que estas áreas rurais se transformaram em um local ideal de moradia para os jovens, embora o trabalho e o lazer sejam oferecidos na cidade (WEDIG e MENASCHE, 2009). Dessa maneira, o ambiente rural tem se tornando cada vez mais, apenas um local de moradia (ABRAMOVAY et al., 1998).

A falta de interesse dos potenciais sucessores em permanecerem no meio rural e também o aumento êxodo rural é uma ameaça a existência da agricultura familiar e dos assentamentos rurais. Deste modo, a não continuidade da agricultura familiar torna-se uma realidade preocupante em diversas regiões do Brasil, alterando significativamente o cenário rural (PANO e MACHADO, 2014). Algumas das consequências desta saída dos filhos das propriedades rurais são: a não continuidade das propriedades e grande esvaziamento demográfico, econômico, cultural de regiões com predomínio da agricultura familiar (SILVESTRO et al., 2001).

Poucos países apresentaram movimentos migratórios tão expressivos como os verificados no Brasil e com isso é originado um intenso cenário de exclusão (FACIONI, 2013). O cenário brasileiro, no decorrer da segunda metade do século XX, evidenciou um dos mais acelerados processos de urbanização da história mundial, transformando assim o Brasil em um país urbano (MARTINE e MCGRANAHAN, 2010). Dentre os fatores responsáveis pela urbanização, pode-se citar que o modelo de desenvolvimento brasileiro criou uma situação contraditória entre o rural e o urbano, sendo o rural considerado arcaico e o urbano moderno (CARVALHO, 2007). De acordo com Castro (2008), essa desvalorização social do

meio rural por parte do meio urbano, tem despertado nos jovens rurais a vontade de procurar um lugar melhor para viver. Portanto, esta desvalorização do meio rural vem contribuindo para a migração crescente dos jovens do campo para a cidade (DALCIN e TROIAN, 2009).

Na maioria das vezes, os jovens rurais realizam estes movimentos migratórios devido ao desinteresse em suceder as atividades agrícolas dos pais, sendo a migração uma alternativa em busca de melhores condições sociais e econômicas (FOGUESATTO e MACHADO, 2015). Percebe-se que o desinteresse dos filhos em seguir as ocupações paternas acabou condicionando uma situação de “crise” na sucessão e reprodução social da agricultura familiar (CHAMPAGNE, 1986b). Segundo Woortmann (1990), esta crise origina-se no instante em que os filhos se negam a continuar herdando a terra de seus pais, ou seja, quando os filhos se reconhecem como indivíduos independentes. Esta renúncia dos jovens é caracterizada por este autor como “rachaduras do coletivismo interno familiar”, ou seja, ausência de vocação dos filhos em aceitar o destino de agricultores dos pais.

Esta crise na sucessão gera sérios problemas porque o futuro da agricultura recai sobre as próximas gerações. A continuidade da agricultura familiar depende da sucessão das propriedades ao longo das novas gerações através de um processo intra-familiar. Dessa forma, analisar o processo sucessório é importante porque a gestão da propriedade rural está fundamentada no fato de que a continuidade ou não das novas gerações na agricultura depende das interrelações familiares (SPANEVERELLO, 2008). Este processo sucessório é composto por diferentes etapas, sendo a sucessão a transferência do controle dos negócios das propriedades aos filhos sucessores ou à próxima geração (GASSON e ERRINGTON, 1993). Portanto, há a possibilidade de ensinar os jovens desde cedo para que eles possam dar continuidade às funções de seus pais no ambiente rural (ABRAMOVAY et al., 1998). Um exemplo é o gerenciamento da propriedade, que pode ser ensinado a partir da prática no campo (GRUBBSTRÖM et al., 2014).

Portanto, a continuidade da agricultura familiar depende, pelo menos em parte, da garantia de sucessão a partir dos filhos e filhas de agricultores (WANDERLEY, 2001). Isso significa que as novas gerações de agricultores são, principalmente, oriundas de famílias rurais. Esse processo é conhecido como endoreprodução, pois embora atividade agrícola seja uma escolha livre para pessoas de origens sociais diferentes, ou seja, de áreas rurais e urbanas, a entrada e a continuação na ocupação agrícola tende a ser de pessoas do próprio meio ou que já estiveram inseridas no ambiente rural (SPANEVERELLO, 2011).

A partir do exposto pode-se concluir que a continuidade da agricultura familiar e dos assentamentos rurais está ameaçada, devido ao desinteresse dos jovens em continuar exercendo as atividades dos pais no campo.

## 2.2 ESTUDOS SOBRE SUCESSÃO NO CONTEXTO DA AGRICULTURA FAMILIAR: FICAR OU SAIR DO CAMPO?

A sucessão na agricultura familiar tem sido discutida tanto no campo científico como no campo de políticas públicas. Portanto, o tema vem sendo estudado e já originou teses, dissertações e artigos científicos que debatem a temática com diferentes abordagens (PANO e MACHADO, 2016). Esta seção tem o objetivo de discutir as pesquisas que abordaram a sucessão rural na agricultura e também em assentamentos rurais.

Spanevello (2008) analisou a sucessão na agricultura familiar na região da Quarta Colônia de migração italiana do Rio Grande do Sul (especificamente nos municípios de Pinhal Grande e Dona Francisca). O estudo identificou que a migração dos jovens campo-cidade ocorre principalmente em virtude dos atrativos urbanos, bem como da modernização tecnológica. A pesquisa também identificou que os agricultores com melhores condições financeiras e sociais apresentam maiores possibilidades de encontrar um sucessor entre os filhos. Na pesquisa de Spanevello (2008), os agricultores se autodefiniram como sem sucessores, pois a agricultura é encarada pelos agricultores como uma ocupação difícil, muito cansativa e sem futuro, e preferem que os filhos procurem outra ocupação ou qualifiquem-se estudando. Dentre os fatores determinantes para a falta de sucessores, o gênero contribui significativamente porque as famílias composta somente por filhas restringem ainda mais a possibilidade de sucessão da propriedade. A divisão do trabalho na propriedade por sexo é outro fator relevante, já que os pais, na maioria das vezes, atribuem às mulheres as tarefas domésticas e não as produtivas, gerando assim desinteresse por parte das mulheres. Portanto, a falta de autonomia e reconhecimento da capacidade dos filhos e filhas em relação à gestão administrativa das atividades da propriedade, contribui para estimular a saída dos jovens do campo.

Brumer e Spanevello (2008) também realizaram estudos analisando a pretensão de sucessão por parte de filhos e filhas de agricultores rurais. Esta pesquisa foi realizada em três estados do Sul do Brasil, demonstrando que na amostra utilizada, 27% das moças e 19% dos rapazes acreditam que nenhum membro de sua família irá permanecer como sucessor de seus

pais. O estudo concluiu que nem sempre a vontade dos filhos vai ao encontro com a dos pais, porque os filhos não sentem desejo de continuar nesta ocupação e de fazer da agricultura a sua atividade profissional, condicionando assim um dos fatores para o êxodo rural. No caso específico das mulheres, os principais fatores para crescentes proporções de migração, segundo os resultados de Brumer e Spanevello (2008) são: o esforço físico necessário para a realização das atividades agrícolas, o desejo por continuar os estudos, não ter vocação para agricultura, buscar independência financeira, ausência de reconhecimento do seu trabalho e não ter direito a herança.

O estudo de Petinari, Tereso e Bergamasco (2008) foi realizado nos municípios de Marinópolis, Santa Albertina e Santa Salete, no estado de São Paulo. Os resultados desse estudo indicaram alguns dos motivos para saída dos jovens, dentre eles: o tamanho das propriedades (geralmente pequenas), a falta de geração de renda e incerteza financeira, falta de incentivo das políticas agrícolas, procura por novos horizontes em grandes centros urbanos como uma maneira de ser tornar independente financeiramente em relação aos pais.

Outro estudo que analisou as variáveis determinantes no processo migratório foi a pesquisa de Curioni (2009), realizada no assentamento Santa Rosa II em Abelardo Luz, Santa Catarina. Segundo os resultados do estudo, a cidade permite melhores condições de vida (atrativos urbanos) e também emprego, atraindo assim os jovens do meio rural, uma vez que o campo oferece poucas ou nenhuma expectativa de emprego. Além disso, os resultados do estudo indicaram que a migração para os centros urbanos ocorre devido: ao tamanho das propriedades, fertilidade e qualidade do solo serem ruins, dificuldade de acesso ao crédito agrícola, grande distância dos centros urbanos e o difícil acesso a alguns recursos (saúde, educação, esporte e o lazer).

O estudo realizado por Braga (2006), no assentamento Hipólito em Mossoró, Rio Grande do Norte reafirma esta realidade por parte dos pais e também dos jovens, que consideram a falta de trabalho no meio rural o principal fator que influencia a decisão dos jovens a deixarem as famílias e buscarem alternativas melhores na cidade. Esta difícil realidade dos assentamentos rurais está diretamente associada com a capacidade organizativa local, principalmente no que se refere à incapacidade de gerar empregos nestas áreas. Na maioria das vezes, a renda do meio rural é proveniente de aposentadorias por idade. Em muitos casos a previdência rural é a única fonte de renda da família (PETINARI, 2007).

O estudo de Castro (2005), realizado no estado do Rio de Janeiro, destacou a procura por independência financeira e autonomia social como um dos determinantes que colabora

para o desejo dos jovens em querer sair do campo. Além disso, os resultados desse estudo sugerem que a figura patriarcal é encarada como uma “autoridade” pelos filhos, o que gera por parte dos filhos a vontade de buscar novas oportunidades e independência em relação aos pais. Este desejo se intensifica através da escola e com o contato com outros jovens. O estudo também demonstrou que o casamento representa duas possibilidades no caso das filhas de agricultores rurais, primeiro: permite as jovens continuarem no campo em estabelecimento próximo ao dos pais, uma vez que o casamento ocorra com pessoas da mesma localidade. Segundo, se o cônjuge for de outras áreas (urbana), implica geralmente na saída delas do meio rural.

Demais aspectos importantes que contribuem para a saída dos jovens do campo são: a timidez da maioria dos jovens em relação à falta de diálogo entre os jovens e a família; a interferência dos próprios pais na tomada de decisão; a dificuldade de continuar os estudos; a falta de renda própria; as péssimas condições da infra-estrutura (estradas, transporte entre outros); e o incentivo dos irmãos em buscar melhores alternativas em centros urbanos como emprego e salário mais altos. A pesquisa de Dalcin e Troian (2009), realizada no município de Santa Rosa Rio no Grande do Sul, identificou também que além destes fatores, alguns pais não desejem que seus filhos vivenciem as mesmas dificuldades enfrentadas por eles nas pequenas propriedades rurais. Portanto, percebe-se que há o incentivo para a migração dos jovens da propriedade por parte dos pais como uma tentativa de possibilitar aos seus filhos uma vida mais fácil.

A pesquisa de Dotto (2011), realizada em três assentamentos rurais, especificamente (Campanário, Conquista, Guariroba) no estado do Mato Grosso do Sul, destacou que os jovens que saíram dos assentamentos rurais, geralmente estão entre as faixas 25 anos de idade, pois pretendem se aperfeiçoar profissionalmente. Além disso, o estudo evidenciou também que há proporção do êxodo rural é maior entre as moças em relação aos homens, e um dos fatores que contribui para a saída das jovens do campo, é a desvalorização das atividades desempenhadas por mulheres no meio rural porque as mulheres assumem um papel principalmente doméstico (ajuda) em relação aos homens na propriedade. Dessa maneira as mulheres neste caso específico, concentraram-se na área da educação, como uma alternativa para atuar numa profissão/atividade que lhe permita maior reconhecimento. A pesquisa também identificou outros fatores que influenciam a decisão do filho de sair ou ficar do campo: a participação do jovem nas decisões econômicas e mercadológicas da propriedade é considerado um fator positivo muito importante para os filhos entrevistados, pois o fato de

eles se sentirem incluídos nas tomadas de decisão facilita a continuidade destes no lote. A renda familiar possui também um papel relevante no processo migratório, pois as famílias com maior estabilidade econômica e conforto financeiro apresentam maior probabilidade de os jovens saírem do campo.

Outro estudo que discutiu os fatores que contribuem para a saída dos jovens do campo foi realizado por Ferreira e Alves (2009). Por meio de análise de dados demográficos sobre a população rural brasileira no período de 1996 a 2006 esses autores apresentaram dois fatores determinantes para o processo migratório entre o campo-cidade. Esses fatores foram classificados em fatores de atração e fatores de expulsão: 1) fatores de atração: refere-se aos atrativos dos centros urbanos, principalmente as maiores oportunidades de trabalho remunerado; 2) fatores de expulsão: as dificuldades das condições vida no meio rural e da atividade agrícola. Os jovens indicaram também os aspectos negativos do meio rural: o modo de vida no ambiente rural, considerando as atividades no campo como desgastantes e penosa devido aos horários de trabalho irregulares e ausência de férias e de fins de semanas livres, e demais dificuldades aliadas à baixa renda. Em contrapartida, a autonomia dos agricultores ao decidirem sobre a própria rotina de trabalho é apontada como um fator positivo para permanência no campo. Ferreira e Alves (2009) apresentaram que há um predomínio da população masculina sobre a feminina no campo, destacando assim a intensa ‘masculinização’ do campo, pois os homens são maioria em todas as faixas de idade. Por outro lado, nos centros urbanos, as mulheres são a grande maioria, em proporções menores apenas nas faixas de zero a 14 anos. O estudo destacou que as jovens mulheres saem do campo em duas fases distintas: primeiro ao buscarem aperfeiçoamento nos estudos, que normalmente não são disponibilizados no meio rural; e a segundo, ocorre no momento em que elas casam ou pela efetivação de um emprego no meio urbano.

Diversos estudos destacam que a busca por níveis mais altos de escolaridade é um dos motivos que contribui para a saída de jovens do meio rural. Dentre eles o estudo de Petinari (2007), destaca que os jovens que ingressam em universidades em geral não retornam às propriedades rurais porque o campo de atuação profissional restringe-se especificamente à área urbana. Os jovens que terminam o Ensino Médio, ao conquistarem um emprego nos centros urbanos, saem do campo para morar perto do local de trabalho e acabam não retornando para o meio rural porque o salário no campo é mais instável.

O estudo realizado com aproximadamente 110 jovens que estão inseridos nas iniciativas de Educação do Campo (Escolas Família Agrícola – EFAs e curso de Licenciatura



em Educação do Campo da Universidade Federal de Viçosa – Licena/UFV) e são integrados com as redes de agroecologia local ou regional por meio das organizações sociais do campo apontou vários motivos que contribuem para a permanência dos jovens no campo. Dentre eles: a qualidade de vida, a tranquilidade, autoprodução de alimentos saudáveis, o acesso à terra e também à água de boa qualidade, o ar puro, envolvimento com a natureza, a identidade do campo, as relações de solidariedade e de coletividade entre os membros da comunidade, os valores e interações familiares mais próximas, a liberdade (na realização, organização e tempo de trabalho; das crianças brincarem sem preocupação), a existência das organizações da agricultura familiar que defendem os interesses e direitos das/os agricultoras/es e a sua participação, a independência financeira, a autonomia nos trabalhos da propriedade, a agroecologia, e também a educação do campo, e a existência das escolas do/no campo (MOURA; FERRARI., 2016).

O processo sucessório é muito particular e individual, contudo há filhos que gostariam de morar no meio rural, embora não tenham a intenção de exercer atividades agrícolas (CARNEIRO, 2001). Dentre alguns dos motivos para se morar no meio rural estão: tranquilidade do modo de vida e segurança e envolvimento com a natureza (BRUMER e SPANEVELLO, 2008). Portanto, os jovens que desejam permanecer no campo julgam que a vida nos grandes centros urbanos é estressante e tem-se um custo maior para viver em comparação ao meio rural.

A revisão destes estudos possibilitou identificar os principais fatores que influenciam o processo migratório dos jovens do meio rural. Dentre os fatores justificados para a saída dos jovens do meio rural, pode-se resumir: a falta de emprego no campo; a busca por independência financeira; desejo de continuar os estudos; modo de vida no campo ser considerado difícil, a falta de incentivos e políticas pública direcionada a jovens. Contudo, mesmo com todas as dificuldades do modo de vida no meio rural há jovens que gostam de morar no campo, pois estes jovens consideram o campo um local tranquilo, seguro e preferem o envolvimento com a natureza comparado ao modo de vida urbano.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado no assentamento Guanabara, situado no município de Amambaí. O município de Amambaí está localizado ao Sul do Estado de Mato Grosso do Sul, apresentando divisão territorial com os seguintes municípios: Coronel Sapucaia, Tacuru, Aral Moreira, Laguna Carapã, Caarapó, Iguatemi e Juti. O município conta 34.730 habitantes em uma área territorial 4.202,324 km<sup>2</sup> (IBGE, 2017). Uma das motivações para a seleção do local de realização da pesquisa é que não há trabalhos abordando a migração campo-cidade no assentamento Guanabara através de um recorte por gênero; isto é, analisando as jovens filhas de assentados.

O Assentamento Guanabara conta com 98 famílias que vieram de várias regiões do Brasil. De acordo com INCRA (2017), abrangeu uma área de 2.659,90 hectares e os lotes estão divididos em 20 hectares por família. O início da história dos assentamentos nas regiões de Juti e Amambaí começou com a disposição das famílias ao erguerem barracos de lona nas áreas próximas as fazendas que seriam negociadas e aguardavam a terra ser desapropriada pelo INCRA (SEVERO, 2010). Logo após a demarcação do primeiro assentamento no município, houve a efetivação de mais dois assentamentos que seguiram basicamente o mesmo processo de acampamento, espera e por final posse da terra. Sendo o assentamento Guanabara o segundo instaurado no município (GAMA; MIQUELETTI; SANTOS, 2015).

No assentamento Guanabara as famílias decidiram pela rotina de trabalho individual. Desta maneira, os lotes foram desenvolvidos seguindo esta orientação de agrupamentos por agrovilas, com espinhas dorsais para facilitar a localização dos centros comunitários, igrejas e demais instalações. Há uma distância geográfica significativa dos assentamentos de seu município sede, Amambaí. São 90 km por estrada de chão, ou 130 km por rodovia asfaltada. Há proximidade com o município de Juti, que está a 25 km, facilita as integração entre ambos, uma vez que a estrutura deste município que auxilia os assentados em termos de saúde, educação e mercado de trabalho.

### 3.2 COLETA DE DADOS

Os dados primários foram coletados com a utilização de pesquisa de campo, com a realização de uma entrevista específica semi-estruturada para os dois grupos: as que já saíram do assentamento e as que ficaram. As entrevistas continham questões abertas e fechadas (os questionários encontram-se no apêndice A e B). A coleta de dados foi realizada com amostra de 30 jovens com faixa etária de 13 a 29. A amostra foi dividida em 2 grupos de jovens mulheres, sendo 20 jovens mulheres que deixaram o assentamento Guanabara para morarem nos centros urbanos (Grupo saiu) e também com as 10 jovens mulheres que permaneceram no assentamento Guanabara (Grupo ficou), possibilitando assim ter uma análise melhor ao comparar os dois modos de vidas do meio rural e urbano. Os questionários foram elaborados visando analisar o processo migratório destas jovens e as motivações que levaram essas jovens mulheres a sair do assentamento ou permanecerem no meio rural. Para elaborar o questionário, nos baseamos na literatura disponível, permitindo assim responder os objetivos do estudo.

A coleta dos dados foi realizada na primeira quinzena do mês de Junho de 2017, de forma presencial com Grupo ficou devido à facilidade de encontrá-las, pois moram no assentamento em estudo. Já a coleta de dados do Grupo saiu foi realizada por meio do *Facebook Messenger* por chamada em vídeo, porque as jovens mulheres deste grupo estão em diferentes localidades. Todas as entrevistas foram gravadas para se extrair o máximo de informações referentes ao tema investigado.

### 3.3 ANÁLISE DOS DADOS

Depois da realização das entrevistas, os dados foram sistematicamente organizados e analisados usando as técnicas de análise de conteúdo com base na metodologia adaptada do estudo de Silva, Gobbi e Simão (2005). De acordo com esses autores, a análise de conteúdo é um método que permite decompor o discurso/fala para posteriormente identificar as unidades de análise ou grupos de representações possibilitando uma categorização dos fenômenos, facilitando a reconstrução de significados que mostrem uma interpretação e compreensão mais aperfeiçoada da realidade do grupo estudado. Assim, preferiu-se manter os discursos na íntegra nas próximas seções para demonstrar realmente a opinião das entrevistadas, e os discursos foram apresentados em destaque no texto em fonte itálico.

A análise de conteúdo do banco de dados foi realizada em três fases. Primeiramente, todas as entrevistas foram digitalizadas para um documento em *Word*, na qual foram executados recortes de conteúdos, ou seja, foram excluídos partes do discurso irrelevantes, facilitando a interpretação do tema estudado. Na segunda etapa, definiu-se as categorias e subcategorias analíticas, em que os elementos de conteúdo foram identificados e agrupados em suas respectivas categorias e subcategorias, por meio da codificação das informações por semelhança de sentido. Posteriormente, por meio da técnica de categorização, todas as informações foram codificadas. Esses códigos foram quantificados constituindo duas matrizes de dados brutos. Uma matriz continha os dados do Grupo saiu e outra do Grupo ficou. Através destas matrizes os dados foram interpretados utilizando a estatística descritiva com o *software* Excel 2010.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS DA AMOSTRA

A Tabela 1 demonstra as características socioeconômicas dos grupos analisados.

**Tabela 1 - Características Socioeconômicas**

Variáveis	Grupo ficou	Grupo saiu
Idade média (em anos)	17,2	24,45
<b>Estado Civil</b>		
Solteira (em %)	80,00	50,00
Casada (em %)	20,00	35,00
Divorciada (em %)	0	15,00
<b>Tempo de Assentamento</b>		
Morou média (em anos)	12,00	-
Saiu média (em anos)	-	6,00
<b>Tamanho da propriedade</b>		
Média (em alqueires)	8,4	8,5
<b>Atividade Profissional</b>		
Estudante (em %)	80,00	5,00
Dona de Casa (em %)	10,00	
Produtora Rural (em %)	10,00	5,00
Vendedora (em %)	-	15,00
Desempregada (em %)	-	20,00
Educadora (em %)	-	20,00
Secretária/Atendente (em %)	-	10,00
Autônomo (em %)	-	5,00
Auxiliar Administrativo (em %)	-	15,00
Auxiliar de Enfermagem (em %)	-	5,00
<b>Escolaridade</b>		
Fundamental Incompleto (em %)	80,00	-
Médio Incompleto (em %)	20,00	5,00
Médio Completo (em %)	-	40,00
Superior Completo (em %)	-	10,00
Superior Incompleto (em %)	-	30,00
Pós Superior (em %)		15,00
<b>Total Geral</b>	10	20

Fonte: Elaboração da autora

Considerando as características socioeconômicas, verificou-se que há diferenças entre os dois grupos, dentre elas: as médias de idade das jovens mulheres é mais baixa para o Grupo ficou comparado ao Grupo saiu. A média do número de irmãos do Grupo saiu foi de 0.8

(irmãs) e 1.55 (irmãos). Para o Grupo ficou a média foi de 1.0 (irmãs) e 1.2 (irmãos). Este resultado indica que, conforme Garasky et al., (2001), quanto mais elevado é o número de irmãos residindo na casa dos pais, maior é a probabilidade dos jovens saírem de casa, pois os irmãos que anteriormente deixaram o campo podem compartilhar a nova moradia com seus familiares.

O nível de escolaridade é mais elevado para o Grupo saiu comparado ao Grupo ficou. Este resultado confirma estudos que discutem as limitações enfrentadas por jovens mulheres rurais, entre eles: Lima et al., (2013), destacaram a dificuldade do acesso a escola e cursos profissionalizantes para os jovens rurais, devido a cidades distantes. Especificamente as jovens rurais enfrentam, além do isolamento territorial, as dificuldades financeiras em todas as esferas da vida (BEDNAŘÍKOVÁ et al., 2016). Referente a limitações, verificou-se também algumas associadas às atividades profissionais. Os resultados indicam que a grande parcela do Grupo saiu desempenha alguma atividade profissional, em contrapartida no Grupo ficou a maioria das jovens mulheres estão somente estudando. Portanto, os resultados indicam que as jovens mulheres do Grupo saiu atingiram maiores níveis de formação educacional e profissional em comparação ao Grupo ficou.

#### 4.2 POR QUE FICAR NO CAMPO?

A Tabela 2 apresenta a distribuição dos fatores justificados para a permanência no meio rural do Grupo ficou.

**Tabela 2 - Distribuição dos fatores explicitados pelas jovens**

Fatores Explicitados	Porcentagem
<b>RELACIONADOS AO CONTEXTO FAMILIAR- (C1)</b>	<b>60,00%</b>
Falta de Autonomia (S1C1)	20,00%
Imposição/ajudar a família (S2C1)	30,00%
Segurança familiar (S3C1)	10,00%
<b>RELACIONADOS AO AMBIENTE- (C2)</b>	<b>30,00%</b>
Liberdade (S1C2)	20,00%
Tranquilidade (S2C2)	10,00%
<b>RELAÇÕES INTERPESSOAIS- (C3)</b>	<b>10,00%</b>
Bem estar (S1C3)	10,00%
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração da autora

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em três categorias, classificadas em ordem decrescente de importância (%). As três categorias são: Relacionados ao contexto familiar (C1), Relacionados ao ambiente (C2), Relações interpessoais (C3). Essas três categorias explicam os motivos indicados pelas jovens mulheres a permanecerem no meio rural.

A partir da C1, três subcategorias emergiram: Falta de autonomia (S1C1), Imposição/ajudar a família (S2C1) e Segurança familiar (S3C1). Os resultados indicam que a falta de autonomia das jovens mulheres em relação aos seus pais (S1C1) é um dos fatores para continuação das jovens mulheres no ambiente rural. A falta de autonomia das jovens é exemplificada pelo discurso da seguinte entrevistada: *“O pai tá aqui a mãe está aqui, então agente vive bem aqui, estamos aqui, por causa dos pais. Se eu tivesse condições de viver sozinha na cidade eu estaria lá”*. Os resultados também demonstram que o sentimento de imposição dos pais em relação às jovens mulheres (S2C1) e também a continuação do trabalho familiar como fatores considerados por diversas entrevistadas para a permanência no meio rural. A imposição familiar é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Eu queria ir embora para a cidade, mas eu fiquei, porque meu pai e minha mãe [não deixam], mas eu preferia a cidade eu não gosto do sítio”*. A necessidade das filhas em ajudar a família nas atividades produtivas é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Eu fiquei no campo porque meu pai faleceu, aí a minha mãe teve que ficar, eu tive que ficar para ajudar ela, porque eu não ia deixar ela sozinha”*. A segurança do meio rural (S3C1) também foi indicada como um fator que influencia a preferência das jovens mulheres em ficar no campo. A entrevistada expõe a condição de ser livre de danos e riscos de perigo em comparação a vida urbana no discurso: *“O motivo é porque aqui é mais gostoso aqui você tem mais liberdade, você sai deixa a casa aberta ladrão não entra, é difícil você deixar suas coisas para fora na cidade você não pode fazer isso se você largar uma coisa para fora quando você voltar não tem mais, então no sítio você tem uma liberdade na cidade não. A convivência também com as pessoas, e você se sente mais a vontade do que na cidade. Na cidade você tem que ficar preso no campo não você tem liberdade de sair andar.”*

A partir da C2, duas subcategorias emergiram: Liberdade (S1C2) e Tranquilidade (S2C2). Verificou-se que o sentimento de liberdade (S1C2) do modo de vida rural como um fator de atração positivo, exemplificado no discurso da entrevistada: *“Eu gosto muito [...] tem mais liberdade, dá para agente fazer muito mais coisas do que na cidade.”* A permanência no

campo não está restrita somente a liberdade, mas, também ao estilo de vida tranquilo que o ambiente rural oferece (S2C2). Essa subcategoria é exemplificada em dois discursos das entrevistadas. Primeiro: “[...] *prefiro ficar no cantinho ali, se dá qualquer coisa, você vai no rio, você tem lugar para você ir.*” Observa-se a preferência pela tranquilidade do ambiente rural neste segundo discurso: “*Gosto daqui, prefiro mais aqui do que a cidade. Porque aqui é mais tranquilo e a cidade não, aqui é mais na paz.*”. Os resultados também confirmaram a pesquisa de Brumer e Spanevello, (2008), que indicou estes fatores: tranquilidade do modo de vida e segurança como sendo positivos para os jovens morarem no campo.

A partir da (C3), somente uma subcategoria emergiu: Bem estar (S1C3). Os resultados indicam a identificação do sentimento de prazer a partir das relações interpessoais. A (S1C3) é exemplificada no discurso da entrevistada: “*É bem legal ficar aqui, tem as pessoas que eu gosto [...] a família, amigos, as coisas assim. Eu cresci aqui é bem legal, e se eu sair daqui vai dar saudade.*” Diante da análise dos discursos, compreendemos que, a principal categoria de fatores para a permanência refere-se ao contexto familiar. Castro (2008) destacou estas relações de autoridade e subordinação em sua pesquisa, concluindo que estas relações não se restringem somente ao âmbito doméstico, ampliando-se para diversos contextos coletivos do assentamento. Um exemplo desta falta de espaço para se participar das decisões no âmbito familiar, está expresso nas falas dos entrevistados, como: “Ele [pai] não ouve ninguém.” Nessas falas a figura que representa a autoridade é sempre a figura patriarcal, mas podendo ser representado também pela figura do avô. Desta forma, a falta de confiança nos jovens nos espaços de decisão expressa essas relações de subordinação, que contribuem significativamente para desinteresse dos jovens rurais pelo meio rural e à atração pela cidade.



### 4.3 DESEJA SAIR DO CAMPO? POR QUÊ?

A tabela 3 apresenta a distribuição dos fatores justificados para a saída no meio rural do Grupo ficou.

**Tabela 3 - Distribuição dos fatores explicitados pelas jovens**

Fatores explicitados	Porcentagem
<b>(SIM)- DESEJA SAIR- (C1)</b>	<b>50,00%</b>
Falta de Lazer (S1C1)	10,00%
Estudo (S2C1)	20,00%
Capacitação profissional (S3C1)	20,00%
<b>(NÃO)- DESEJA SAIR-(C2)</b>	<b>40,00%</b>
Bem estar (S1C2)	30,00%
Relações Interpessoais (S2C2)	10,00%
<b>INDECISAS- (C3)</b>	<b>10,00%</b>
Total Geral	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração da autora

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em três categorias, classificadas em ordem decrescente de importância (%). As três categorias são: (Sim)-Deseja sair (C1), (Não)-Deseja sair (C2), Indecisas (C3). Essas três categorias explicam os motivos indicados pelas jovens mulheres do Grupo ficou para desejarem sair/ficar no meio rural futuramente.

A partir da C1, três subcategorias emergiram: Falta de Lazer (S1C1), Estudo (S2C1), Capacitação profissional (S3C1). Os resultados indicam que a falta de lazer (S1C1) do meio rural condiciona o desejo de sair para uma parcela das entrevistadas. A (S1C1) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Eu ia para a cidade porque aqui não tem nada para agente ir à noite, não tem sorveteria não tem lanchonete [...], não tem festa e é difícil ter aqui só tem [lá]”*. Além da falta de lazer, os resultados mostram que a continuação dos estudos (S2C1) é outro fator agravante para a saída das entrevistadas do campo futuramente. A (S2C1) é exemplificado no discurso da entrevistada: *“Eu ia para cidade porque eu não gosto de morar aqui [...], não tem muitas possibilidades de estudo, não tem faculdade, não tem futuro”*. Os resultados mostram que a busca por capacitação profissional (S3C1) influencia para o desinteresse em ficar no campo, exemplificado pelo discurso da entrevistada: *“Fazer curso de inglês, eu adoro inglês, robótica, também mais possibilidade de*

*encontrar um emprego menor aprendiz essas coisas eu não tenho aqui*". Os fatores de atração necessidade de estudar, capacitar-se profissionalmente e falta de lazer são apontados por metade das entrevistadas do Grupo ficou como os principais motivos para este desejo de migrar para centros urbanos no futuro. Os resultados corroboram com o estudo de Ferreira e Alves (2009), pois, esses autores concluíram que as jovens mulheres saem do campo principalmente devido aos fatores de atração, seja ao buscarem aperfeiçoamento nos estudos, que em geral não são disponibilizados no meio rural; ou também por buscar uma atividade profissional no meio urbano.

A partir da C2, duas subcategorias emergiram: Bem estar (S1C2) e Relações Interpessoais (S2C2). O bem estar do meio rural (S1C2) é indicado como o principal fator positivo para o desejo de grande parte das entrevistas em continuar morando no campo, exemplificado no discurso da entrevista: *"Sou mais acostumada com aqui, eu me adapto mais com o campo eu me sinto mais a vontade aqui."* No entanto, outro fator positivo destacado por uma menor parcela das entrevistadas, são as relações interpessoais fixadas com o meio rural. A (S2C2) é exemplificada no discurso da entrevistada: *"Eu prefiro aqui, aqui todo mundo conhece meu pai, todo mundo conhece nós, as relações são mais verdadeiras"*. A (C3) refere-se à interpretação dos discursos centrais semelhantes inconclusivos, ou seja, não atendendo nenhuma opção de resposta. A (C3) indica que há uma pequena quantidade de entrevistadas indecisas, em relação à escolha definitiva em permanecer ou sair do campo.

#### 4.4 POR QUE SAIR DO CAMPO?

A Tabela 4 apresenta a distribuição dos fatores justificados para a saída do meio rural do Grupo saiu.

**Tabela 4 - Distribuição dos fatores explicitados jovens**

Fatores explicitados	Porcentagem
<b>ESTUDO- (C1)</b>	<b>45,00%</b>
Continuação dos estudos (S1C1)	15,00%
Crescimento Profissional/Capacitação (S2C1)	25,00%
Falta de oportunidades/incentivo para jovens (S3C1)	5,00%
<b>EMPREGO- (C2)</b>	<b>35,00%</b>
Fácil Acesso ao comércio (S1C2)	5,00%
Ingresso no mercado de trabalho (S2C2)	30,00%
<b>FALTA DE INFRAESTRURA- (C3)</b>	<b>5,00%</b>
Descaso do Governo (S1C3)	5,00%
<b>CASAMENTO- (C4)</b>	<b>15,00%</b>
Difícil acesso/distância (S1C4)	5,00%
Falta de oportunidades para jovens (S2C4)	5,00%
Morar com o Marido (S3C4)	5,00%
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração da autora

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em quatro categorias, classificadas em ordem decrescente de importância (%). As quatro categorias são: Estudo (C1), Emprego (C2), Falta de Infraestrutura (C3), Casamento (C4). Essas quatro categorias explicam os fatores indicados pelas jovens mulheres do Grupo saiu que motivaram a saída do assentamento.

A partir da C1, três subcategorias emergiram: Continuação dos estudos (S1C1), Crescimento Profissional (S2C1), Falta de oportunidades/incentivo para jovens (S3C1). A dificuldade de continuar os estudos (S1C1) no meio rural é indicada como um dos fatores para a migração de diversas entrevistadas do Grupo saiu. A (S1C1) é exemplificada pelo discurso da entrevistada: *“Por que eu queria sair de lá por causa que precisava estudar e lá não tinha muito recurso para estudar é muito longe da cidade e morando na cidade temos*

*mais recurso para estudar*”. Outro fator importante considerado por grande parte das entrevistadas é a busca de crescimento profissional/capacitação (S2C1), que geralmente não é oferecido no meio rural. A (S2C1) é exemplificado pelo discurso da entrevistada: *“A pela falta de oportunidade né, que aqui no sítio não tem, e até pela questão de você querer estudar para você exercer a sua profissão é muito difícil, a não ser que você vá para áreas específicas, no meu caso nunca quis nada voltado para a terra: agronomia ou alguma coisa assim era mais áreas que no sítio não dava para ficar mesmo, mas por questão de oportunidades mesmo. Emprego, estudos que fica muito difícil também, saí daqui estudar e voltar pra cá e quase impossível, tem que ficar fora*”. Este resultado confirma estudos que concluem que há maiores possibilidades dos jovens rurais migrarem do meio rural conforme conquistam níveis de escolaridade maiores ou profissionalizam-se, e normalmente não voltam às propriedades rurais, pois, o campo de atuação profissional restringe-se especificamente à área urbana (BEDNAŘÍKOVÁ et al., 2016; PETINARI, 2007). A falta de incentivo para as jovens rurais (S3C1) também foi indicada como um dos fatores para a saída das jovens mulheres do Grupo saiu. A (S3C1) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Não tem [nada] para oferecer para nós jovens, tipo não tinha como trabalhar em um emprego e alguma coisa que tivesse, é alguma coisa para nós jovens quando agente era mais jovem é não tinha [nada], você só tinha que trabalhar na roça é fazer tudo lá no sítio, e na cidade tem mais a oferecer né. Agente, eu trabalhei no mercado eu trabalhei em açougue eu tinha mais futuro trabalhando na cidade*”.

A partir da C2, três subcategorias emergiram: Fácil Acesso ao comércio (S1C2) e Ingresso no mercado de trabalho (S2C2). Verificou-se que a partir da S1C2, a facilidade do poder de compra do meio urbano é um fator atrativo para a migração do Grupo saiu. A facilidade (S1C2) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Um dos motivos principais é porque eu queria um trabalho, coisa que no campo agente não tem né acesso, eu queria um trabalho eu acho mais facilidade as coisas aqui na cidade, se você quer comprar uma coisa você vai e compra, que às vezes agente não plantou no sítio e tem na cidade se sentiu vontade de comer alguma coisa você vai ali e você compra, e às vezes no sítio agente demora a vir para a cidade e ter acesso aos mercados essas coisas do mercado*”. O ingresso no mercado de trabalho (S2C2) é o principal fator considerado por muitas entrevistadas para a saída do assentamento nesta categoria analisada. A necessidade de começar a trabalhar e possuir rendas maiores (S2C2) é exemplificado pelo discurso da entrevistada: *“Olha eu saí do campo*

*por oportunidades, emprego foi mais por causa disso por causa de emprego, mas aí era bom de morar, foi por essa questão de procurar emprego uma renda melhor não por nada né”.*

A partir da (C3), somente uma subcategoria emergiu: Descaso do Governo (S1C3). Os resultados indicam nesta (S1C3) a falta de infraestrutura dos assentamentos rurais é um dos fatores que contribuiu para a saída das entrevistadas do Grupo saiu. A (S1C3) é exemplificada pelo discurso da entrevistada: *“É ruim para vir para a cidade porque as estradas são péssimas vamos falar, e as pessoas que deveriam ajudar a melhorar as estradas não tão ajudando e aí agente não tem como vir para a cidade e quando agente estudava nossa era o maior sacrifício para poder vir, tinha dia que agente tinha que andar porque os ônibus também não são dos melhores e tem ônibus que são mais velhos que nós, muito velho, eu não sei como que ta funcionando. Aí o transporte, falta de emprego não tem emprego para nós , é só viver do leite, leite [...] é só aquilo é muito ruim”.*

A partir da C4, três subcategorias emergiram: Difícil acesso/distância (S1C4), Falta de oportunidades para jovens (S2C4) e Morar com o Marido (S3C4). Os resultados mostram que as grandes distâncias dos centros urbanos é um dos fatores indicado pelas entrevistadas do Grupo saiu. A (S1C4) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“[...] O fato de ser mais longe, muito [mais distante] então ficaria muito difícil para mim ter um emprego onde eu trabalha-se o dia todo para mim poder estudar a noite, até pelo fato da distância mesmo, não que eu não teria a oportunidade eu teria sim, mais pelo fato da distância e mais complicado no sítio”.* Outro fator verificado que justifica a saída das jovens mulheres do assentamento é a falta de oportunidades para as jovens rurais continuarem no meio rural. A (S2C4) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“[...] Ah seria uma [oportunidade para o filho de assentado], no caso acredito que [não tem], não tinha jeito como é longe, como aí é longe da cidade e agora que saiu o asfalto, mas na época era chão, que nos sofremos muito até para concluir o ensino médio condução e tudo, oportunidade só, falta de oportunidades”.* Os resultados indicam que o casamento (S3C4) é um dos fatores que contribui para a saída de parte das jovens mulheres do Grupo saiu, devido às jovens rurais migrarem do meio rural para morar com seu cônjuge. A (S1C3) é exemplificada em dois discursos das entrevistadas: Primeiro: *“Na verdade eu saí para casar”.* Segundo: *“No caso meu, eu casei e vir morar na cidade porque na época meu esposo, ex-marido tinha passado em um concurso público, então eu vim em busca de melhoria, porque no caso ele fez o concurso pra melhorar ter mais estabilidade”.* Os resultados indicam que, conforme Castro (2005), o casamento é um dos

fatores que contribui para a saída das jovens do meio rural em razão da união ocorrer com cônjuge de áreas urbanas ou outras localidades.

#### 4.5 HÁ INTENÇÃO DE VOLTAR A MORAR NO CAMPO?

A tabela 5 apresenta a opinião e a justificativa a respeito das opções de retornar ao campo futuramente do Grupo saiu.

**Tabela 5 - Intenção de retorno**

Fatores explicitados	Porcentagem
<b>(SIM)- DESEJA VOLTAR-(C1)</b>	<b>50,00%</b>
Família (S1C1)	15,00%
Bem estar/ qualidade de vida (S2C1)	35,00%
<b>(NÃO)- DESEJA VOLTAR-(C2)</b>	<b>50,00%</b>
Falta de Perspectiva (S1C2)	10,00%
Falta de lazer (S2C2)	5,00%
Distância de acesso a recursos (saúde, educação etc) (S3C2)	10,00%
Falta de Emprego/ Renda (S4C2)	25,00%
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração da autora

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em duas categorias, classificadas em ordem decrescente de importância (%). As duas categorias são: (Sim)-Deseja voltar (C1), (Não)-Deseja voltar (C2). Essas duas categorias explicam os motivos indicados pelas jovens mulheres do Grupo saiu para as duas opções de intenção de voltar ao meio rural futuramente.

A partir da C1, duas subcategorias emergiram: Família (S1C1), Bem estar/ qualidade de vida (S2C1). Os resultados indicam que a família (S1C1) ou parte dela permanecer no meio rural é um dos fatores positivo para o desejo das entrevistas do Grupo saiu em voltar a morar no campo. A (S1C1) é exemplificada no discurso da entrevista: *“Eu queria muito, eu gostaria muito, o principal motivo é a família, que ainda mesmo eu, a minha escolha de ter vindo morar para a cidade, parte da minha família ainda tá no campo, o principal motivo família”*. O Bem estar/qualidade de vida do meio rural (S1C2) é indicado como o principal fator positivo para o desejo de grande parte das entrevistas em voltar a morar no campo futuramente. Exemplificado no discurso da entrevista: *“Tenho porque eu gosto, e eu acho que*

*o custo de vida no campo é menor que na cidade, e porque eu sempre morei no campo é o fator de gostar mesmo”.*

A partir da C2, quatro subcategorias emergiram: Falta de Perspectiva (S1C2), Falta de lazer (S2C2), Distância de acesso (saúde, educação, etc.) (S3C2) e Falta de Emprego/ Renda (S4C2). Verificou-se que metade das entrevistadas do Grupo saiu não desejam retornar para o meio rural futuramente. Os fatores identificados foram: a Falta de Perspectiva (S1C2) do meio rural exemplificada no discurso da entrevistada: *“Só que a intenção não tenho, porque eu sei que lá vai continuar a mesma coisa, parece que nunca vai mudar, as pessoas continuam pensando pequeno, pensando vou viver do leite tá bom é só isso, vai morrer lá, não vai pensar eu vou melhorar eu vou sair daqui eu fazer vou melhorar o meu sítio, não só fica pensando mais pequeno e fica ali mesmo, intenção não por agora não porque fica só na mesmice”.* Os resultados indicam que a falta de lazer (S2C2) é um dos fatores que contribui para a o desinteresse de voltar ao meio rural do Grupo saiu. A (S2C2) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Não. Eu acho que hoje eu não voltaria mais, porque a cidade ela é muito diferente, apesar do campo ser muito gostoso a cidade ela traz mais possibilidades para você se você quer sair você saí, no sítio não tem lugares de você sair, de você sentar e conversar, tipo para comer uma pizza sabe essas coisas eu não voltaria.”.* Os resultados indicam que a distância do acesso a recursos básicos (S3C2) é também é um dos fatores negativos indicado pelas entrevistadas do Grupo saiu para não retornar ao meio rural. A (S3C2) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“No momento não. E porque assim é digamos assim, os recursos não tem muito recurso no campo, não tem muita é mais pelo recurso mesmo que distância e tudo essas coisas assim é meio complicado. Tipo assim, na qualidade de ensino você fazer cursos essas coisas assim é um pouco mais complicado, que lá você vai depender de ônibus, vai depender muito da prefeitura do governo essas coisas para disponibilizar ônibus esses tipo de coisa é na cidade já não né, você pode pegar uma bicicleta você tem ônibus de hora em hora você consegue fazer suas atividades você consegue um trabalho você consegue trabalhar e estudar fazer cursos eu acho mais fácil por causa disso em termos de saúde, também que não é lá é essas coisas a saúde na cidade, mais assim é mais fácil né, é bem mais fácil.”* Os resultados indicam que Falta de Emprego/ Renda (S4C2) é o principal fator negativo indicado por grande parte das entrevistas do Grupo saiu para não desejarem retornar para o meio rural futuramente. A (S4C2) é exemplificada no discurso da entrevista: *“Sinceramente não. Por causa disso, hoje ainda sim tem muita dificuldade pra pessoa, eu não me vejo morando no sítio mais, eu morei gostei bastante as experiências que eu tive aqui*

*foram muito boas, mas para mim voltar não cabe mais, não dá para se ter uma fonte de renda aqui dentro eu não vejo que dá.”* A falta de oportunidade de emprego e grande distância dos centros urbano, são fatores extremamente complicados para as mulheres mais qualificadas (que atingiram um nível maior de escolaridade). Em geral estas rejeitam o papel social tradicional de mulheres rurais, priorizando assim migrar para a cidade em vez de se adaptarem (BEDNAŘÍKOVÁ et al., 2016).

#### 4.6 AVALIAÇÕES DO MODO DE VIDA DO MEIO RURAL

O quadro 1 apresenta as avaliações dos dois grupos sobre o modo de vida do meio rural.

Grupo saiu		Grupo ficou	
<b>(Bom)-Agradável- (C1)</b>	<b>45,00%</b>	<b>(Bom)-Agradável- (C1)</b>	<b>50,00%</b>
Bem estar/qualidade de vida (S1C1)	45,00%	Relacionados ao Ambiente (S1C1)	50,00%
<b>(Ruim)-Desagradável- (C2)</b>	<b>15,00%</b>	<b>(Ruim)-Desagradável- (C2)</b>	<b>20,00%</b>
Políticas públicas (S1C2)	15,00%	Falta de vocação/prazer (S1C2)	10,00%
<b>Parcialmente Agradável- (C3)</b>	<b>40,00%</b>	Difícil acesso/distância (S2C2)	10,00%
Falta de Infraestrutura (S1C3)	5,00%	<b>Parcialmente Agradável- (C3)</b>	<b>30,00%</b>
Falta de renda (S2C3)	20,00%	Dificuldade de acesso a recursos (tecnologia, educação etc) (S1C3)	10,00%
Difícil/sofrido (S3C3)	5,00%	Tranquilidade (S2C3)	10,00%
Falta de perspectiva profissional (S4C3)	10,00%	Autoprodução de alimentos (S3C3)	10,00%
<b>Total Geral</b>	<b>100,00%</b>	<b>Total Geral</b>	<b>100,00%</b>

**Quadro 1 - Avaliações do modo de vida**

Fonte: Elaboração da autora (2017)

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em três categorias de classificação para a avaliação. As três categorias são: (Bom)-Agradável (C1), (Ruim)-Desagradável (C2) e Parcialmente Agradável (C3). Essas três categorias de classificações explicam as avaliações do modo de vida rural indicadas pelas jovens mulheres dos dois grupos.

A partir da C1, somente uma subcategoria emergiu para os dois grupos: Bem estar/qualidade de vida (S1C1) para o Grupo saiu e Relacionados ao Ambiente (S1C1) para o Grupo ficou. Verificou-se que as maiores porcentagens para ambos os grupos classificam o meio rural como (Bom) Agradável. Os resultados indicam que o Bem estar/qualidade de vida (S1C1) é o único fator positivo indicado por parte das entrevistas do Grupo saiu para justificar essa classificação. A (S1C1) do Grupo saiu é exemplificada em dois discursos das



entrevistadas. Primeiro: *“É um lugar bom de se morar você tem uma qualidade de vida boa: tranquilo, não tem esse estresse da cidade, a alimentação e de qualidade também do campo da terra, alimentos orgânicos, alimentos mais saudáveis”*. Segundo: *“No campo não tem que tá cuidando de tantas doenças, aqui temos que ficar cuidando de doenças, na cidade agente pega mais doenças e no campo não, e lá o ambiente é saudável o ar não e tão poluído igual na cidade*. No entanto, para o Grupo ficou os resultados indicam que fatores relacionados ao ambiente rural (S1C1) influenciaram para essa classificação. A (S1C1) do Grupo ficou é exemplificada no discurso da entrevistada: *“O campo é muito gostoso, na cidade também não têm muita árvore assim pra gente se alimentar das frutas assim, tomar banho no rio é muito gostoso também e meu pai tira leite da vaca também é gostoso e pescar também*.

A partir da C2, somente uma subcategoria emergiu para o Grupo saiu: Políticas públicas (S1C2), e duas subcategorias emergiram para o Grupo ficou: Falta de vocação/prazer (S1C2) e Difícil acesso/distância (S2C2). Os resultados indicam que há uma razoável quantidade de entrevistadas tanto do Grupo (ficou) quanto Grupo (saiu) que classificam o meio rural como (Ruim) Desagradável, e o principal fator de influência verificado para justificar essa classificação para as entrevistadas do Grupo saiu é a falta de políticas públicas (S1C2) específica para a juventude. A (S1C2) do Grupo saiu é exemplificada em dois discursos das entrevistadas. Primeiro: *“Olha eu acho que o governo ele não, principalmente [políticas públicas, não tem tanto voltado ao meio rural], eu acho que tinha que ter mais entendeu, tinha que ter um olhar voltado a esses moradores de lá que muitas vezes é esquecido”*. É ainda mais evidente a necessidade de incentivar a permanência dos jovens, neste segundo discurso: *“Hoje eu acho que [falta incentivo] no meu ponto de vista, assim eu penso como adolescente como na minha adolescência assim que eu vivi lá, falta de oportunidade para agente sair para poder estudar, falta de ficar na terra, ali para ajudar os nossos pais ficar ali, ter uma rendinha para agente ficar ali com os pais da gente era o meu sonho ter ficado lá entendeu, ajudar meus pais na luta da terra ali; eu acho que falta um pouco de [incentivo do governo nesta parte com os filho de agricultor, dos pequenos agricultores], e fica bem difícil pra gente tanto na adolescência, também na juventude fica bem complicado, falta incentivo nessa parte, você acaba ficando no sitio e não tendo nada pra agente fazer ou beneficio uma coisa assim para incentivar agente a ficar ali pela terra lutar junto com os pais da gente”*. A Falta de vocação/prazer (S1C2) com relação ao meio rural também foi indicada para justificar esta classificação pelas entrevistadas do Grupo ficou. A (S1C2) do Grupo ficou é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Eu acho ruim, eu não*

*gosto mesmo dessas coisas do campo, não gosto do campo, desta área nem daqui nem do meio*". Os resultados mostram que a dificuldade e a falta de acesso a recursos (educação, tecnologia entre outros) é um dos fatores indicados pelas entrevistadas do Grupo ficou para justificar essa classificação. A (S2C2) do Grupo ficou é exemplificada no discurso da entrevistada: *"Acho ruim, porque é bem difícil as coisas, porque tudo para fazer você precisa tá na cidade, muitos que a aqui é bem difícil, não tem escola muitos não tem trabalho, ai tem que ir para a cidade, não tem internet não pega celular é muito difícil."*

A partir da (C3), quatro subcategorias emergiram para o Grupo saiu: Falta de Infraestrutura pública (S1C3), Falta de renda (S2C3), Difícil/sofrido (S3C3) e Falta de perspectiva profissional (S4C3). Os resultados indicam que as péssimas condições de infraestrutura (S1C3) do assentamento é um dos fatores negativos indicado pelas entrevistadas do Grupo saiu para justificar essa classificação. A (S1C3) do Grupo saiu é exemplificada em dois discursos das entrevistadas. Primeiro: *"Antigamente era mais difícil tudo que é os estudos era mais difícil, porque às vezes as estradas estavam bem difícil de passar os ônibus não iam buscar ou às vezes o ônibus quebrava"*. Segundo: *"Trabalhar de manhã estudar à tarde, toda vez aquilo isso irrita, aí quando tinha vez, que a porcaria do ônibus estragava aí a negada tinha que andar quilômetros apé, porque não tinha um filho de Deus que ia lá ajudar"*. Os resultados indicam que Falta de renda (S2C3), é o principal fator negativo indicado por grande parte das entrevistas do Grupo saiu para justificar essa classificação. A (S2C3) do Grupo saiu é exemplificada em dois discursos das entrevistadas. Primeiro: *"Olha é um lugar bom, assim como diz, pra quem não precisa viver muito daquilo, para você descansar para você aproveitar, eu acho que é mais para isso lazer, para tirar [sustento dá li] se tem que ter vixi, tem que se esforçar muito"*. Segundo: *É uma vida boa tranquila, que você vê a maioria das pessoas elas conseguem fazer a sua hora de trabalho não fica tão presso quanto na cidade, eu acho uma vida bem estável tranquila, quando a pessoa consegue trabalhar dentro da terra é uma boa opção agora muitos deles não tem como a [questão financeira], financiamento essas coisas assim [...]"*. Além da falta de renda os resultados mostram que o modo de vida ser considerado difícil/ sofrido (S3C3) em relação às atividades produtivas do campo, é outro fator negativo indicado pelas entrevistadas do Grupo saiu para justificar esta classificação. A (S3C3) do Grupo saiu é exemplificada no discurso da entrevistada: *"Olha na minha opinião, eu acho que é sofrido, olha é sofrido é trabalhoso mas, eu acho assim que não é o fim de mundo viver no campo viu, eu creio que é sofrido, assim se todo mundo tivesse uma condição boa para morar ali no campo vai tudo*

*bem, mas também se não tiver uma condição boa a pessoa sofre ali trabalhando, trabalhando em cima do que é dele, tem que ralar bastante, e uma vida trabalhosa é um sossego é uma paz muita gente assim gosta, igual meu pai mesmo ele gosta dáli, mas [é um serviço sofrido, árduo diariamente e requer muito] porque acho que é isso”. Este resultado confirma o estudo de Ferreira e Alves (2009) que indicaram esse aspecto negativo do modo de vida rural, pois, conforme os autores, as atividades do campo são consideradas por parte dos jovens como desgastantes e penosas em razão de horários de trabalho irregulares e ausência de férias e de fins de semanas livres. A Falta de perspectiva profissional (S4C3) com relação ao meio rural é outro fator negativo indicado pelas entrevistadas do Grupo saiu para justificar esta classificação. A (S4C3) é exemplificada no discurso da entrevistada: “Eu gosto na verdade né, é uma vida tranqüila que tem, as que são pessoas mais velhas aproveitam mais é um descanso eles fazem mais o que eles gostam né, já para os jovens na minha opinião eu já não acho que é mais viável acho pelo fato de trabalhar de ter serviço na área que eles querer, porque todos os jovens que estão lá e que estiveram lá, tem um sonho de ter uma profissão, então dependendo do que ele se formar, ele consegue ficar lá dentro dependendo do que ele, não consegue ficar lá dentro, então eu gosto do sitio e tudo, ao meu ver assim para os jovens atual no nosso no ano de 2017 não da para ficar lá vendo o assentamento Guanabara lá hoje, então eu acho que eles saem mesmo para poder ter um modo de vida até melhor”.*

A partir da (C3), de classificação três subcategorias emergiram para o Grupo ficou: Dificuldade de acesso a recursos (tecnologia, educação etc) (S1C3), Tranquilidade (S2C3) e Autoprodução de alimentos (S3C3). Os resultados indicam que a dificuldade de acesso a recursos (S1C3) é um dos fatores negativos indicado pelas entrevistadas do Grupo ficou para justificar essa classificação. A (S1C3) do Grupo ficou é exemplificada no discurso da entrevistada: “Tem a parte boa a gente gosta de ficar aqui, tem umas coisas que acho legais, acho legal andar a cavalo, mexer com gado, ter amigos que eu não quero deixar várias coisas, é uma vida mais ou menos, tem o lado bom e ruim, o lado ruim tem várias coisa, um exemplo é que aqui não tem muita tecnologia, e na cidade tem, isso é ruim um pouco, é difícil estudo, estradas ruins muito ruins para se locomover quando chove principalmente muito ruim”. Os resultados indicam que o estilo de vida tranquilo que o ambiente rural oferece (S2C3), é um dos fatores positivos indicado pelas entrevistadas do Grupo ficou para justificar está classificação. A (S2C3) do Grupo ficou é exemplificada no discurso da entrevistada: “Mais tranquilo, é bem mais calmo é mais ou menos é porque eu gosto é não gosto ao mesmo tempo. Acho gostoso porque é tranquilo, e porque na cidade é muito movimento é tudo mais

*corrido, e lá em média as pessoas trabalham, assim e aqui você encontra os trabalho, você trabalha para você mesmo, e lá você tem empregos você tem horas etc, tem mais responsabilidades digamos, aqui é bem mais tranquilo.”* Outro fator positivo verificado que justifica esta classificação é Autoprodução de alimentos (S3C3), exemplificada no discurso da entrevistada: *“Nem muito bom, nem muito ruim médio. O bom do campo é quando você plantar as coisas e colher é o ruim e quando você planta e perde, eu não sou totalmente do campo que eu fico mais dentro de casa”*. Estes fatores, tranquilidade e autoprodução de alimentos dentre outros é retratado na pesquisa de Moura e Ferrari, (2016). Conforme os autores, a autonomia nos trabalhos da propriedade (na realização, organização e tempo de trabalho), e a autopromoção de alimentos são aspectos positivos do modo de vida rural.

#### 4.7 COMPARAÇÃO DOS NÍVEIS DE SATISFAÇÃO

O quadro 2 apresenta avaliação dos grupos a respeito de seus respectivos níveis de satisfação.

Grupo saiu		Grupo ficou	
Nada satisfeita	10,00%	Nada satisfeita	10,00%
Pouco satisfeita	-	Pouco satisfeita	20,00%
Mediamente satisfeita	15,00%	Mediamente satisfeita	10,00%
Satisfeita	50,00%	Satisfeita	50,00%
Muito Satisfeita	25,00%	Muito Satisfeita	10,00%
<b>Total Geral</b>	<b>100,00%</b>	<b>Total Geral</b>	<b>100,00%</b>

**Quadro 2 - Níveis de satisfação**

Fonte: Elaboração da autora (2017)

Considerando as classificações dos níveis de satisfação, verificou-se que há semelhanças e diferenças entre os dois grupos. Dentre as semelhanças, verificou-se que os níveis de satisfação para ambos os grupos foram iguais com relação às classificações: nada satisfeita e satisfeita. Dentre as diferenças: há uma razoável parcela de entrevistadas do Grupo ficou que se consideram pouco satisfeitas comparado ao Grupo saiu. A proporção de entrevistadas com nível satisfação de muito satisfeita é mais baixa para o Grupo ficou comparando-se ao Grupo saiu. Portanto, os resultados indicam que as jovens mulheres do Grupo saiu consideram-se mais satisfeitas em comparação ao Grupo ficou e uma das possíveis explicações é o Grupo saiu estar em melhores condições sociais e econômicas na atualidade.

#### 4.8 HÁ INTENÇÃO DE REALIZAR AS ATIVIDADES AGRÍCOLAS DE SEUS PAIS ?

A tabela 06 apresenta a opinião e a justificativa do Grupo saiu a respeito das opções de intenção de sucessão futuramente.

**Tabela 06: Intenção de sucessão**

Fatores explicitados	Porcentagem
<b>(SIM)- DESEJA A SUCESSÃO- (C1)</b>	<b>50,00%</b>
Identificação/gostar (S1C1)	20,00%
Continuidade das atividades (S2C1)	25,00%
Bem estar/qualidade de vida (S3C1)	5,00%
<b>(NÃO)- DESEJA A SUCESSÃO- (C2)</b>	<b>40,00%</b>
Falta de gosto/habilidade (S1C2)	15,00%
Falta de renda (S2C2)	20,00%
Difícil/sofrido (S3C2)	5,00%
<b>INDECISAS- (C3)</b>	<b>10,00%</b>
<b>Total Geral</b>	<b>100%</b>

Fonte: Elaboração da autora

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em três categorias, classificadas em ordem decrescente de importância (%). As três categorias são: (Sim)-Deseja a sucessão (C1), (Não)- Deseja a sucessão (C2) e Indecisas- (C3). Essas três categorias explicam os motivos indicados pelas jovens mulheres do Grupo saiu para as três opções de intenção de sucessão das atividades agrícolas de seus pais futuramente.

A partir da C1, três subcategorias emergiram: Identificação/gostar (S1C1), Continuidade das atividades (S2C1) e Bem estar/ qualidade de vida (S3C1). Os resultados indicam que o sentimento de gostar e a identificação com as atividades rurais (S1C1) é um dos fatores positivos indicados para o desejo de sucessão das entrevistas do Grupo saiu. A (S1C1) é exemplificada no discurso da entrevista: *“Tenho, porque eu gostei me identifiquei com aquelas coisas que eles mexem gado, criação de gado, criação, pecuária eu achei interessante e gostei daquilo, eu gosto”*. A continuidade das atividades dos pais (S1C2) é indicada como o principal fator positivo para o desejo de sucessão de grande parte das entrevistadas do Grupo saiu, exemplificado em dois discursos das entrevistadas. Primeiro: *“Tenho vontade sim. O aprendizado sabe, eu admiro muito aquelas pessoas que dá*

*continuidade aquilo que acabou aprendendo com os pais, sabe pelo fato de os meus pais terem me ensinado a me virar no campo eu não vejo problema em um dia eu dar continuidade um dia ao que eles me ensinaram [...]”.* Segundo: *“Sim, eu penso porque eles se esforçaram numa coisa né, que eles queriam é eu pretendendo colocar para a frente, sabe levar para frente o que eles gostavam, continuar o que eles gostavam”.* Os resultados indicam que o Bem estar/qualidade de vida (S3C1) é um dos fatores positivos indicados para o desejo de sucessão das entrevistas do Grupo saiu. A (S3C1) é exemplificada no discurso da entrevista: *“Tenho. Por causa que eu acho, seria muito melhor do que eu viver na cidade trabalhando o dia todo e não ter o tempo para nada, e no sítio não, agente trabalha bastante mais tem tempo para as coisas, também não é tão sacrificoso igual na cidade, na cidade é muito mais sacrifício, é tanta conta as coisas agente gasta, no sítio não”.*

A partir da (C2), de classificação três subcategorias emergiram: Falta de vocação/habilidade (S1C2), Falta de renda (S2C2) e Difícil/sofrido (S3C2). A Falta de gosto/habilidade (S1C2) com relação ao meio rural é um dos fatores negativos indicados para o desinteresse de sucessão das entrevistas do Grupo saiu. A (S1C2) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Não. Porque eu não tenho, eu não desejo mexer com terra, não tenho gosto eu não tenho habilidade se tiver habilidade agente fica lá, porque não tem outra escolha né, tem que se adaptar ao ambiente, mas eu não quero voltar, mas lá não, fazer o que lá, assim se eu tivesse feito agronomia, veterinária coisas relacionadas ao campo, mas eu não fiz a minha área é ensinar é Licenciatura no caso se tivesse uma oportunidade de voltar para lá relacionada com a minha profissão eu voltaria porque é um lugar bem tranquilo de se morar mais mexer com terra não é a minha área”.* Os resultados indicam que Falta de renda (S2C2) é o principal fator negativo indicado pelas entrevistadas do Grupo saiu para não desejarem a sucessão rural. A (S2C2) é exemplificada no discurso da entrevista: *“Não. Porque eles trabalharam mais com leite, tirar leite, então eles não foram nada de não trabalharam com plantação, nada de roça foi mais o leite, então eu não tenho a intenção de trabalhar com o leite então eu prefiro não, e se falar você quer voltar é faz isso, eu não quero. Eu posso até voltar a morar no sítio futuramente, mas para não desempenhar estas atividades, porque não tem e muita a renda a [renda é baixa]”.* Além da falta de renda os resultados mostram que o modo de vida ser considerado difícil/ sofrido (S3C3) em relação às atividades produtivas do meio rural, é outro fator negativo indicado pelas entrevistadas do Grupo saiu para não desejarem a sucessão rural. A (S3C2) é exemplificada no discurso da entrevista: *“Acredito que não. Eu não tenho vontade, foi muito sofrimento, porque foi muito*

*sofrimento eu acredito, que se fosse para mim passar tudo que passemos, tudo que e foi desde o inicio desde de acampamento e tudo se fosse para passar não passaria hoje não faria [...]”.* A (C3) refere-se à interpretação dos discursos centrais semelhantes inconclusivos, ou seja, não atendendo nenhuma opção de resposta. A (C3) indica que há uma pequena quantidade de entrevistadas indecisas, em relação à escolha definitiva de suceder as atividades agrícolas de seus pais futuramente.

#### 4.9 HÁ INTENÇÃO DE REALIZAR AS ATIVIDADES AGRÍCOLAS DE SEUS PAIS?

A tabela 07 apresenta a opinião e a justificativa do Grupo ficou a respeito das opções de intenção de sucessão futuramente.

**Tabela 07: Intenção de sucessão**

Fatores explicitados	Porcentagem
<b>(SIM)- DESEJA A SUCESSÃO- (C1)</b>	<b>70,00 %</b>
Identificação /gostar (S1C1)	50,00%
Continuidade das atividades (S2C1)	20,00%
<b>(NÃO)- DESEJA A SUCESSÃO- (C2)</b>	<b>30,00 %</b>
Falta gosto/habilidade (S1C2)	10,00%
Perspectiva de Crescimento (S2C2)	10,00%
Continuação dos estudos (S3C2)	10,00%
<b>Total Geral</b>	<b>100 %</b>

Fonte: Elaboração da autora

A partir da análise de conteúdo, os resultados das entrevistas foram agrupados em duas categorias, classificadas em ordem decrescente de importância (%). As duas categorias são: (Sim)-Deseja a sucessão (C1), (Não)- Deseja a sucessão (C2). Essas duas categorias explicam os motivos indicados pelas jovens mulheres do grupo ficou para as duas opções de intenção de sucessão das atividades agrícolas de seus pais futuramente.

A partir da C1, duas subcategorias emergiram: identificação/gostar (S1C1), continuidade das atividades (S2C1). Verificou-se que grande parte das entrevistadas do grupo ficou desejam a sucessão rural futuramente. Os resultados indicam que o sentimento de gostar e a identificação com as atividades rurais (S1C2) é o principal fator positivo indicado para o desejo de sucessão. A (S1C1) é exemplificada no discurso da entrevistada: *“Sim. Ah é muito bom cuidar dos animais é muito bom tirar leite eu gosto disso eu gosto de mexer com horta*

*também.*” A continuidade das atividades dos pais (S1C2) é também indicada como um dos fatores positivos para o desejo de sucessão das entrevistas do grupo ficou, exemplificado no discurso da entrevistada: “*Sim. Para dar continuidade, no que eles fazem aqui, por causa que eu gosto.*” A partir da (C2), de classificação três subcategorias emergiram: Falta de gosto/habilidade (S1C2), Perspectiva de crescimento (S2C2) e Continuidade dos estudos (S3C2). Verificou-se que uma razoável parcela das entrevistadas do grupo ficou não desejam a sucessão rural futuramente. A falta de gosto/ habilidade (S1C2) com relação ao meio rural é um dos fatores negativos indicado para o desinteresse de sucessão pelas entrevistas do grupo ficou. A (S1C2) é exemplificada no discurso da entrevistada: “*Não. Porque não é o que eu gosto de fazer. Porque eu não pretendo continuar aqui nem seguir com as coisas dos meus pais, até porque eu quero trabalhar em outra coisa, outra área, outra coisa que não seja do campo*”. A busca de melhores perspectivas de crescimento (S2C2) é outro fator negativo indicado para o desinteresse de sucessão pelas das entrevistadas do grupo ficou. A (S2C1) é exemplificado pelo discurso da entrevistada: “*Acho que não tem, para mim não tenho, por enquanto agora eu estou realizando algumas e no futuro eu quero realizar outras coisas, não as mesma, ser um algo maior tudo maior, que aqui eu não vou ter, continuando ao que eles estão fazendo eu não vou conseguir o que eu quero*”. A necessidade de continuar os estudos (S3C2) é outro fator negativo indicado para o desinteresse de sucessão pelas das entrevistadas do grupo ficou. A (S1C1) é exemplificada pelo discurso da entrevistada: “*Não. Porque eu quero sair daqui, eu quero embora por que eu não gosto daqui desde de criancinha eu to aqui eu quero ir embora para a cidade fazer uma coisa diferente, fazer uma faculdade me formar e aqui não tem como*”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a importância da juventude para garantia do futuro do meio rural, pois, são os jovens as novas gerações de agricultores, o objetivo deste estudo foi analisar os fatores que influenciam a decisão das jovens mulheres do assentamento Guanabara em permanecerem na área rural ou migrarem para os centros urbanos. Os resultados revelaram que os principais fatores verificados que contribuíram para a continuação delas no campo foram: fatores relacionados ao contexto familiar. A partir deste resultado supõe-se que as jovens mulheres que ainda permaneceram no meio rural continuaram em razão da falta de autonomia tanto pessoal (maioridade) quanto financeira frente ao contexto familiar. Verificou-se também que



os principais fatores que influenciaram o processo migratório foram: estudo e emprego. Portanto, é possível concluir que a migração das jovens mulheres ocorre devido à busca por níveis maiores de formação educacional e profissional, e uma das possíveis explicações, é a falta de acesso a formação tanto educacional quanto profissional inexistente ao meio rural.

Ao comparar os dois Grupos, verificou-se que as entrevistadas do Grupo saiu apresentaram maiores níveis de satisfação. Uma das possíveis explicações é que as jovens do Grupo saiu terem alcançado níveis mais elevados de formação educacional e desempenharem alguma atividade profissional comparando ao Grupo ficou. De forma geral, os resultados indicaram que a maior parte das entrevistadas de ambos os grupos têm a intenção de realizar as ocupações agrícolas de seus pais. Portanto, é possível concluir que há intenção de sucessão e isso ocorre devido a três fatores. Primeiro, o sentimento de identificação/gostar das atividades agrícolas e do meio rural. Segundo, à necessidade de continuação das atividades que antes eram realizadas pelos pais. Terceiro, o bem estar/qualidade de vida que o ambiente rural permite.

Esse estudo apresenta algumas limitações. Primeiro, a área de estudo é próxima ao centro urbano, o que possivelmente pode influenciar as escolhas de migração e sucessão das jovens mulheres. Segundo, não há muitos estudos existentes que analisam, avaliam e identificam a intenção de migração e sucessão rural com jovens mulheres no contexto do específico do agronegócio, o que impossibilita a realização de comparações dos resultados encontrados com a literatura disponível. Contudo sugere-se que novos estudos sejam desenvolvidos em diversos assentamentos e propriedades rurais com diferentes abordagens metodológicas visando contribuir para o preenchimento dessa lacuna na produção científica.

Partindo dos resultados encontrados, as decisões estratégicas sobre políticas públicas podem ser feitas de forma mais efetiva, priorizando a qualidade de vida de jovens e mulheres no meio rural, e umas das sugestões e a inclusão produtiva de jovens e mulheres de maneira que fomente tanto a formação educacional quanto profissional do meio rural, e assim consequentemente exista incentivo para a permanência/retorno destas jovens.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Juventude rural: ampliando as oportunidades. Raízes da terra: parcerias para a construção de capital social no campo.** Brasília, ano 1, n 1, 2005.

ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios.** Brasília: Edições Unesco, p.104, 1998.

BEDNAŘÍKOVÁ, Z.; BAVOROVÁ, M.; PONKINA, E. V. Migration motivation of agriculturally educated rural youth: The case of Russian Siberia. **Journal of Rural Studies**, v. 45, p. 99-111, 2016.

BERGAMASCO, S. M.; NORDER, L. A. C. **O que são assentamentos rurais?** São Paulo: Brasiliense, p. 87, 1996.

BIANCHI, J.; ORLOWSKI, R. F. **A pluriatividade como estratégia de sobrevivência na agricultura familiar: um estudo de caso aplicado no município de Chapecó(SC).**

Disponível em:

<[http://www.apec.unesc.net/VI\\_EEC/sesoes\\_tematicas/Tema9Economia%20Rural%20e%20Agricultura%20Familiar/Artigo-7-Autoria.pdf](http://www.apec.unesc.net/VI_EEC/sesoes_tematicas/Tema9Economia%20Rural%20e%20Agricultura%20Familiar/Artigo-7-Autoria.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2017

BRAGA, L. M. **Assentamento Hipólito: realidade e perspectivas dos jovens assentados.** 2006. 113 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 11.326 de 25 de julho de 2006.** 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm)>. Acesso em: 09 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **ONU reforça a importância da agricultura familiar.** 2014. Portal Brasil. Disponível em:

<<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/10/onu-reforca-a-importancia-da-agricultura-familiar>>. Acesso em: 23 fev. 17.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. de (Org.). **Juventude Rural em Perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

\_\_\_\_\_. SPANEVELLO, R.M. **Jovens agricultores da Região Sul do Brasil.** Relatório de Pesquisa. Porto Alegre e Chapecó: UFRGS e Fetraf-Sul/CUT, 2008.

\_\_\_\_\_. Juventude rural e divisão do trabalho na unidade de produção familiar. **Anais do Congresso Internacional da Rural Sociology Association**. Rio de Janeiro: IRSA, 2000.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.2, n.15 p.43-66, jul/dez 1999.

CARNEIRO, M. J. **Herança e gênero entre agricultores familiares**. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000100003>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Acesso à terra e condições sociais de gênero: reflexões a partir da realidade brasileira**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 16. 2006.

CARVALHO, V. R. F. Sucessão da atividade na pequena propriedade rural na perspectiva da família e de gênero. XLV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. **Anais...**Londrina – PR, 2007.

CASTRO, E. G. **As Jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais**. In: Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante, Dulce Consuelo Andreatta Whitaker. (Org.). Reforma Agrária e desenvolvimento - desafios e rumo da política de assentamentos rurais. Brasília/ São Paulo: MDA/UNIARA, 2008, p. 112-130.

\_\_\_\_\_. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural**. 2005. 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Processos de Construção da categoria juventude rural como ator político: participação, organização e identidade social**. 2008. Disponível em: <[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT\\_10/Elisa\\_Guaraná\\_de\\_Castro.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT_10/Elisa_Guaraná_de_Castro.pdf)>. Acesso em: 29 set. 17.

CURIONI, A. S. **A configuração do êxodo rural no Assentamento Santa Rosa II – Abelardo Luz – SC: uma análise em construção**. 2009. 1986/2008. f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CHAMPAGNE, P. La reproduction de l'identité . **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, **65**: 41-64, 1986a.

\_\_\_\_\_.Ampliação do espaço social e crise da identidade camponesa. (tradução do texto 'Elargissement de l' espace social et crise de l' identité paysanne'. **Cahier d'Economie et Sociologie Rurales**, n. 3, déc. 1986b. p.73-89b.

DALCIN, D.; TROIAN, A. Jovem no meio rural a dicotomia entre sair e permanecer: um estudo de caso. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1, 2009, CIDADE. **Anais...** cidade: UFPR, 2009. p.1-20. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/site/evento/SociologiaPolitica/GTs-ONLINE/GT7%20online/jovem-meio-rural-DioneiaDalcin.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

**DOTTO, F. Fatores que influenciam a permanência dos jovens na agricultura familiar, no estado de Mato Grosso do Sul.** 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2011.

ERRINGTON, A.; GASSON, R. Labour use in the Farm Family Business.**Sociologia Ruralis**, London, v. 34, n. 4, p. 293–307, 1994.

**FACIONI, D. Análise da sucessão em assentamento rural no estado de Mato Grosso do Sul.** Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande/MS, 2013.

FERREIRA, B.; ALVES, F. **Juventude rural:** alguns impasses e sua importância para a agricultura familiar. In: CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C. C. (Org.). Juventude e políticas sociais no Brasil. Brasília: Ipea, 2009. p. 243-258. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/20100119JUVENTUDE.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

FOGUESATTO, C. R.; et al. Fatores Relevantes para a Tomada de Decisão dos Jovens no Processo de Sucessão Geracional na Agricultura Familiar. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, v. 37, n. 130, p. 15-28, 2016.

\_\_\_\_\_.MACHADO, J. A. D. A tomada de decisão dos jovens no processo migratório rural-urbano no Brasil: panorama entre 1970 e 2010. **Enciclopédia Biosfera**, Goiania, v.11, n.21, p.2793-2802, 2015.

GAMA. A. S.; MIQUELI E. A.; SANTOS. C. P.; ANDRADE. L. P. **Estudos e práticas de língua, linguagem e literatura.** Nova Andradina-MS: Edições Cristo rei vol. 1 n.1, 2015.

Garasky, S., Haurin, R., Haurin, D., 2001. Group living decisions as youth transition to adulthood. **Jornal. Popul. Econ.** 14, 35e 44.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. **The farm family business**. Wallingford: Cab International, 1993.

INSTITUTO NACIONAL DE REFORMA AGRÁRIA - INCRA. Disponível em: <<http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>>. Acesso em: 23/01/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. IBGE Cidades. 2017. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Censo Estatístico 2000 e 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 19 /03/ 2017.

MARTINE, G.; MCGRANAHAN, G. A transição urbana brasileira: trajetória, dificuldades e lições apreendidas In: BAENINGER, Rosana. (Org.). **População e cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais**. Brasília:NEPO/UNICAMP, 2010. p. 11-24.

MOREIRA, F. G. **Sucessão da gestão na agricultura familiar: um estudo de caso no assentamento Santa Olga no município de Nova Andradina em Mato Grosso do Sul**. Dissertação de Mestrado. UFGD, Dourados/MS, 2014. (Arrumar) numero de folhas.

MOURA, Natália Faria de; FERRARI., E. A. **Juventudes e agroecologia: a construção da permanência no campo na zona da mata mineira**. - Rio de Janeiro: ANA ; Viçosa: CTA-ZM, p. 64, 2016..

PANNO, F.; MACHADO, J. A. D. Influências na decisão do jovem trabalhador rural partir ou ficar no campo. **Desenvolvimento em Questão**, v. 12, n. 27, p. 264-297, 2014.

\_\_\_\_\_. **Sucessão geracional na agricultura familiar: valores, motivações e influências que orientam as decisões dos atores**. 2016. 166 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PETINARI, R. A.; TERESO, M. J. A.; BERGAMASCO, S. M. P. P. A importância da fruticultura para os agricultores familiares da região de Jales-SP. **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal, v. 30, n. 2, p. 356-360, jun. 2008.

\_\_\_\_\_. **Agricultura familiar em microbacias do noroeste do estado de São Paulo: estratégias de reprodução e organização**. 2007. 226 f. Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SEVERO, M. J. T. S. **Mulheres assentadas e cooperadas (re)construindo caminhos : Trajetórias de vida e experiências de empoderamento.** 2010. 249 f. Dissertação (Mestrado em História, Região e Identidades) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2010.

SILVA, C. R.; GOBBI, B. C.; SIMÃO, A. A. **O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método.** 2005. . Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/878/87817147006.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

SILVESTRO, M. L. et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar.** Florianópolis: EPAGRI.2001. (olhar)

\_\_\_\_\_. CORTINA, N. Desenvolvimento rural sem jovens? **Agropecuária Catarinense**, 11(4): 5-8, 1998.

SCHWARTZ, L. H.; SALAMONI, G. Organização e reprodução social da agricultura familiar entre descendentes de imigrantes pomeranos no município de São Lourenço do Sul, RS. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 19, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ENGA, 2009. p.1-23. Disponível em: <[http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Schwartz\\_LH.pdf](http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Schwartz_LH.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2017.

SPANEVERELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar.** 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

\_\_\_\_\_. et al. A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar. **Revista de Ciências Humanas: Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 45, n. 2, p.291-304, 2011.

NAVARRO, T. **A força da agricultura familiar.** 2015. Desenvolvimento Agrário (MDA). Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/força-da-agricultura-familiar>>. Acesso em: 12.02. 2017.

VENTURINO, M.C.C. **Análise da Conservação Ambiental dos Assentamentos Rurais na Floresta Nacional de Ipanema,,.** Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas-UFSCar, Campus Sorocaba,. Iperó, SP: Áreas de Preservação Permanente, 2009.

VLIET, J. A. V.; SCHUT, A. G. T.; REIDSMA, P.; DESCHEEMAER, K.; SLINGERLAND, M.; VEN, G. V.; GILLER, K. E. De-mystifying family farming: Features, diversity and trends across the globe. **Global Food Security**, v. 5, p. 11-18, 2015.

WEDIG, J. C.; MENASCHE, R. o lugar do consumo na mobilidade material e simbólica de jovens rurais. In: PINTO, M. L.; PACHECO, J. K. (Org.). **Juventude, consumo e educação**. Porto Alegre: ESPM, 2009, pp. 95-112. (olhar)

WANDERLEY, M.N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: J.C.TEDESCO (Org.). **Agricultura familiar: realidade e perspectivas**. Pp. 21-55. Passo Fundo: Editora da UPF, 2001.

\_\_\_\_\_. **O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

WEISHEIMER, N. **Relatório técnico da pesquisa de caracterização dos jovens na agricultura familiar no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Convênio MDA/FAURGS-2006, 2007.

WOORTMANN, K. “Com parente não se negueia”: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, 87: 11-73, 1990.

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO I: (GRUPO QUE FICOU)**

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ Código Nº: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_

Horário de Início: \_\_\_\_\_ Horário de Término: \_\_\_\_\_

## Características- Socioeconômicas

1- Quantos anos você tem? \_\_\_\_\_

2- Qual seu estado civil?

 Solteira Casada Divorciada

3- Quantos irmãos e irmãs você tem?

4- Qual é a sua posição de nascença em relação aos irmãos?

5- Há quanto tempo você mora no assentamento?

6- Quantos hectares possui a propriedade da família?

7- Qual sua atividade profissional principal atualmente?

8- Qual seu grau de escolaridade?

Ensino fundamental:  Completo  IncompletoEnsino médio:  Completo  incompletoEnsino superior:  Completo  incompletoEnsino pós superior:  Completo  incompleto

9- Por que você ficou no campo?

10- Se houvesse possibilidade, você gostaria de sair do campo e morar na cidade? Em outras palavras, você pretende continuar morando no campo? Por quê?

11- Qual sua opinião sobre o modo de vida no meio rural?

12- Qual o seu nível de satisfação (qualidade de vida) em relação ao modo seu de vida?

13- No futuro você tem a intenção de realizar as ocupações (atividades agrícolas) de seus pais? Por quê?



**APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO II: (GRUPO QUE SAIU)**

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_ Código Nº: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_

Horário de Início: \_\_\_\_\_ Horário de Término: \_\_\_\_\_

Características- Socioeconômicas

1- Quantos anos você tem? \_\_\_\_\_

2- Qual seu estado civil?

 Solteira Casada Divorciada

3- Quantos irmãos e irmãs você tem?

4- Qual é a sua posição de nascença em relação aos irmãos?

5- Há quanto tempo você saiu do assentamento?

6- Quantos hectares possuía (ou possui) a propriedade da família?

7- Qual sua atividade profissional principal atualmente?

8- Qual seu grau de escolaridade?

Ensino fundamental:  Completo  IncompletoEnsino médio:  Completo  incompletoEnsino superior:  Completo  incompletoEnsino pós superior:  Completo  incompleto

9- Porque você saiu do campo? Pense nos vários motivos que levaram você a decidir sair do campo.

10- Você tem a intenção de voltar a morar no campo? Por quê?

11- Qual sua opinião sobre o modo de vida no meio rural?

12- Qual o seu nível de satisfação (qualidade de vida) em relação ao modo seu de vida?

13- No futuro você tem a intenção de realizar as ocupações (atividades agrícolas) de seus pais? Por quê?

**APÊNDICE C**  
**FICHA DE AVALIAÇÃO DE TG-II – FACE/UGFD**

**Título do Trabalho:** \_\_\_\_\_

**Nome do Aluno:** \_\_\_\_\_

**Orientador:** \_\_\_\_\_

**Avaliador(a):**

Itens a serem avaliados	Critérios de Avaliação
Conteúdo do Trabalho. Caráter analítico da monografia. Consistência das conclusões com o corpo do trabalho. Nível e qualidade do referencial teórico.	( ) Ausente ( ) Incompleto ( ) Satisfatório ( ) Bom
Desenvolvimento lógico do tema (Introdução, desenvolvimento, conclusão). Metodologia adequada aos objetivos estabelecidos.	( ) Ausente ( ) Incompleto ( ) Satisfatório ( ) Bom
Posicionamento crítico em relação ao tema desenvolvido.	( ) Ausente ( ) Incompleto ( ) Satisfatório ( ) Bom
Clareza e correção na linguagem. Cumprimento das normas do Regulamento.	( ) Ausente ( ) Incompleto ( ) Satisfatório ( ) Bom
Apresentação e defesa oral: domínio do conteúdo, utilização de linguagem específica, argumentação, concisão e precisão nas respostas.	( ) Ausente ( ) Incompleto ( ) Satisfatório ( ) Bom

**Legenda:** Ausente: Não existe tal aspecto no trabalho apresentado.

Incompleto: O item analisado se apresenta com diversas falhas e faltas.

Satisfatório: O item analisado está satisfatório, porém necessita de melhorias.

Bom: O item analisado atendeu aos requisitos exigidos.

<b>Avaliador:</b>			
<b>Conceito:</b>	( ) Reprovado	( ) Aprovado com Ressalvas	( ) Aprovado
<b>Observações:</b>			( ) A ( ) B

**Legenda:** Reprovado: O trabalho não apresenta requisitos mínimos de aprovação, pois, os aspectos analisados estão, em sua maioria, “Ausentes” ou “Incompletos”.

Aprovado com Ressalvas: O trabalho apresenta algumas falhas, aspectos incompletos e, com a devida correção, apresenta condições de aprovação.

Aprovado: (A) O trabalho, na maioria dos aspectos analisados, avalia-se como “Bom”

(B) O trabalho necessita de correções de formatação, de ortografia, de sugestões e ajustes conforme apontamentos no texto, porém não compromete os resultados. Predominam os aspectos analisados como “Satisfatórios”.

Dourados, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Orientador

Membro

Membro

